

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE**

**Curso de Psicologia**

**PEDRO NUNES DE ARAUJO LIESEGANG**

**A DIMENSÃO AFETIVA DO ESPAÇO PARA PESSOAS EM  
SITUAÇÃO DE RUA NO CENTRO DE SÃO PAULO**

Projeto de Trabalho de Conclusão do Curso de Psicologia  
da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Orientadores: Marcelo Camargo Batistuzzo e  
Marilda Pierro de Oliveira Ribeiro

São Paulo, 2021



*Gostaria de agradecer primeiramente às três pessoas que me deram seus depoimentos para esta pesquisa. Não posso identificá-las pelos nomes por conta das demandas de formato deste trabalho, mas as considero tão autoras dele quanto eu. Também agradeço ao Rian, que apesar de não ter podido dar uma entrevista, permitiu uma entrada e familiarização mais tranquila no campo.*

*Igualmente importantes foram as professoras e professores que me acompanharam ao longo do processo. Agradeço a meus orientadores Marilda e Marcelo pelas discussões e pelo acolhimento apesar das dificuldades da pandemia. Também à Cris Andrada por me ajudar a construir um horizonte ético para a pesquisa com participantes e retomar o projeto depois da pausa, mesmo pelas vias não institucionais. À Marlise Bassani por plantar em mim a semente da psicologia ambiental e indiretamente desencadear a pesquisa toda. À Ia Aguiar e José Agnaldo Gomes pela disponibilidade de consultas e por me permitirem explorar os temas com a maior profundidade possível.*

*E à Satie, sem quem eu não conseguiria ir a campo e realizar as entrevistas.*

## Sumário

<b>Resumo</b> .....	5
<b>Introdução</b> .....	6
<b>Revisão teórica</b> .....	8
A importância do espaço para a psicologia.....	8
A apropriação do espaço para moradores de rua.....	9
O Centro de São Paulo.....	12
<b>Método</b> .....	13
<b>Análise</b> .....	16
Identificação dos indicadores de sentido e dos conteúdos temáticos.....	15
Construção dos núcleos de significação.....	18
Análise dos núcleos de significação: Osório.....	20
Análise dos núcleos de significação: Milton.....	23
Análise dos núcleos de significação: Rebeca.....	26
<b>Conclusão</b> .....	29
<b>Considerações finais</b> .....	30
<b>Referências bibliográficas</b> .....	31
<b>Anexos</b> .....	34
Anexo 1 - Termo de consentimento livre e esclarecido.....	34
Anexo 2 - Roteiro de entrevista.....	36
Anexo 3 - Transcrição das entrevistas.....	38

### **Resumo**

Com inspiração nos conceitos de apropriação do espaço e identidade de lugar desenvolvidos pela psicologia ambiental, esta pesquisa procura investigar o vínculo afetivo que pessoas em situação de rua do Centro da cidade de São Paulo estabelecem com o espaço que ocupam, bem como qual é o papel desse espaço físico na sua vida psíquica. Foi usada como método a análise qualitativa de entrevistas em campo, com metodologia de análise baseada em núcleos de significação, de acordo com a psicologia sócio-histórica. Foram entrevistados três participantes por meio de entrevista semi-diretiva, todos em situação de rua. Concluiu-se que a experiência da vida na rua, no mesmo ambiente, é capaz de construir histórias e significados muito distintos entre si. Destaca-se a existência de apropriações simbólicas mesmo quando a possibilidade de atuação do sujeito é muito reduzida, reiterando a importância do ambiente como mais do que o mero espaço que se ocupa.

**Palavras chave:** psicologia ambiental, psicologia sócio-histórica, apropriação do espaço, pessoas em situação de rua, lugar, território, espaço público

## Introdução

Estima-se que em 2015 existissem cerca de 15,9 mil pessoas em situação de rua na cidade de São Paulo (FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS, 2015). Frente a essa grande quantidade de pessoas em condição de vulnerabilidade, se faz importante compreender melhor quais as demandas e especificidades dessa população, para que se possa elaborar políticas públicas coerentes no âmbito da saúde, da assistência social e do desenvolvimento urbano.

Na bibliografia e nas políticas públicas brasileiras referentes a pessoas em situação de rua há um esforço para compreender o que determina a escolha dos espaços que são frequentados, esforço esse que geralmente se atém à disponibilidade de recursos que permitam a sustentação de qualidade de vida. A preocupação com esses elementos é fundamental, mas frequentemente é deixada de lado a relação subjetiva e afetiva que é estabelecida com o Lugar. Aspectos como memória, identidade e apego ao lugar podem ser também importantes para compreender a relação que é estabelecida entre o sujeito e o território que ele ocupa.

Mesmo o conceito de território é campo de um embate teórico e político nesse sentido. As primeiras conceituações de território apareceram em uma perspectiva ligada à biologia, definindo-o como *“um espaço delimitado, controlado e defendido, com algum dispêndio de energia, de forma a assegurar as possibilidades de exploração exclusivas”* (VALDIVIESSO, 2016, p. 15). Concepções como essa privilegiam dimensões físicas e utilitárias do ambiente, mas deixam uma lacuna no que diz respeito à cultura e a uma dimensão social e, primordialmente, afetiva do espaço. Para responder de forma eficaz às demandas do mundo contemporâneo é preciso buscar concepções que reconheçam no território suas dimensões econômicas, políticas e culturais (FEITOSA, SOUSA, PAZ, BARRETO, e BONFIM, 2018).

O território não é o mesmo para todas as pessoas em uma sociedade. Como destacou o geógrafo Milton Santos (1999), ele desempenhará um papel muito diferente entre atores sociais que detém o poder sobre os recursos e aqueles que não o detém. Para esses últimos, o território usado é abrigo, onde é preciso criar estratégias para a garantia da sobrevivência.

O ambiente a ser estudado neste trabalho é o Centro de São Paulo, com foco provisório inicial na Praça Júlio Prestes. Nela se encontra, além de uma grande concentração de moradores de rua, a Sala São Paulo, casa de concertos de grande renome, apontada pela publicação britânica *The Guardian* como uma das dez melhores do mundo (COX, 2015). Em dias de espetáculo é possível observar uma alteração na dinâmica da praça, com maior presença policial e um distanciamento entre o público da Sala e os moradores da região. O significado que esses episódios, nos quais os moradores são fisicamente e simbolicamente afastados dos espaços em que normalmente circulam, adquirem para essas pessoas e o efeito deles na sua apropriação do lugar pode ser um dos eixos da pesquisa.

A provisoriidade da Praça enquanto território de pesquisa se devia a possíveis dificuldades de acesso aos sujeitos no campo, de forma que, caso necessário, aceitaria-se a possibilidade de se trabalhar em outros campos na região central da cidade de São Paulo. Parte do método incluiu a realização de visitas livres ao Centro para definir o ambiente específico em que os participantes serão abordados. A ênfase deste trabalho não é compreender a fundo o funcionamento de um ambiente em particular, mas sim explorar as dinâmicas que se estabelecem entre o morador de rua e o lugar em que vive, seja este qual for.

Após a realização das visitas livres para escolha do campo, foi concluído que seria mais vantajoso realizar as entrevistas na Praça da Sé do que na Praça Júlio Prestes. O campo visado originalmente apresentava maiores riscos por ser uma área com menor circulação de pessoas e uso mais intenso de drogas e, por conta da pandemia de Covid-19, a sala de concertos teve o funcionamento muito reduzido, de forma que a dinâmica de remoção dos moradores em dias de espetáculo - que era grande parte do motivo do interesse por aquele espaço - deixou de acontecer com a mesma intensidade.

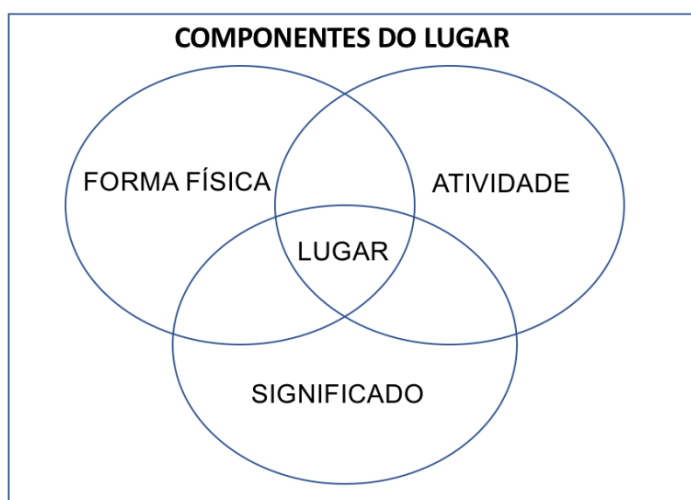
A Praça da Sé foi escolhida para substituí-la por uma combinação de fatores. O fato de ter mais comércios e uma circulação maior de pedestres traria mais segurança durante a realização das entrevistas e é um campo em que há uma grande concentração de pessoas em situação de rua em diferentes condições, seja em albergues, barracas ou sem um abrigo fixo, o

que poderia aumentar a variedade de experiências ali vividas. Também é um local de grande importância histórica e cultural para a cidade, o que poderia propiciar a construção de memórias e significados compartilhados.

O objetivo geral deste trabalho é explorar o relacionamento que pessoas em situação de rua estabelecem com o espaço que ocupam e as formas pelas quais se apropriam dele. Seus objetivos específicos são investigar quais significados são atribuídos ao território, como é o processo de apropriação dele por essa população, como se dão as relações afetivas com o lugar e de que forma a violência e a posição de ilegitimidade interferem nesses processos. Serão enfatizados principalmente os aspectos afetivos e de identidade vinculados à ocupação de espaços contestados.

### **A importância do espaço para a psicologia**

Dentro do urbanismo, John Montgomery (1998) coloca o conceito de lugar como algo composto por um ambiente físico, mas também por um significado psicológico e por uma atividade social, visão da qual Smaldone (2005) compactua. Essa concepção, expressa na Figura 1, traz à tona o papel central que tem o sujeito na construção do espaço, de forma que os processos comportamentais e emocionais dele se tornam imprescindíveis para entender o funcionamento dos ambientes e da cidade. O conceito de lugar vai muito além de suas dimensões físicas e geográficas. Como coloca Soja, “lugares também são interpretados, narrados, percebidos, sentidos, compreendidos e imaginados” (SOJA, 1996, p. 13).



*Figura 1: os componentes do Lugar, conforme em Montgomery (1998)*

Em uma via concomitante, o espaço também atua sobre o sujeito e o molda, sendo essencial na construção de sua identidade (PROSHANSKY, FABIAN e KAMINOFF, 1983) e de sua atividade (aquilo que faz e como age) no mundo (UJANG e ZAKARIYA, 2014). No que diz respeito à identidade, o conceito de identidade de lugar se faz importante, tendo “*como função principal a criação de um cenário interno que sirva de sustento e proteção à autoidentidade*” (MOURÃO e CAVALCANTE, 2011, p. 210) e evidenciando o papel que a espacialidade tem enquanto base, sustentação, para as experiências a partir das quais o sujeito pode se constituir.

Outro conceito importante é o de apropriação do espaço. Um processo de apropriação pode ser entendido como a interiorização da práxis humana através de seus significados, dentro de um contexto sociocultural e histórico (MORANTA e POL, 2005). Trata-se de um processo ativo, ao longo do qual as pessoas transformam a si mesmas e ao mundo. Ele ocorre por duas vias principais: a ação-transformação e a identificação simbólica (POL, 1996). Pol alega que ação-transformação é o comportamento territorial manifesto: toda a mudança, do nível mais básico ao mais complexo e estrutural, que o ser humano ocasiona no ambiente. Já a identificação simbólica ocorre conforme esse processo se inscreve no indivíduo, tanto no campo afetivo quanto no cognitivo, e vão sendo conferidos significados, memórias e uma dimensão simbólica ao espaço. O lugar adquire assim um valor de ancoragem, um ponto de partida e de retorno, ao redor do qual as experiências psíquicas conseguem se configurar (RIOUX e MOCH, 2009).

### **A apropriação do espaço para moradores de rua**

Tais conceitos podem ser utilizados tanto para a análise de ambientes privados quanto do espaço público (RIOUX e MOCH, 2009) e essas categorias se tornam difusas quando se fala de pessoas em situação de rua (BERGAMASCHI, CASTRIGNANÒ e RUBERTIS, 2014). Para essa população não existe o espaço totalmente privado ou ele é muito limitado, de forma que o espaço público assume suas funções, tornando-se tanto ambiente de circulação quanto lar (BERGAMASCHI, CASTRIGNANÒ e RUBERTIS, 2014). Sendo assim, infere-se que os processos territoriais e espaciais dela se orientarão a partir da perspectiva da rua e do ambiente compartilhado

enquanto espaço de vida. “Se antes o sujeito realizava seus diferentes desejos e necessidades em distintos espaços, agora, todos eles se realizam na rua. A rua é depositária de seus afetos, sua sobrevivência, sua aprendizagem, sua comunidade, enfim, tudo está colocado na situação de rua” (SECRETARIA MUNICIPAL DE DIREITOS HUMANOS E CIDADANIA, 2015, p. 103)

Broide (1993) também aponta para os benefícios que pessoas em situação de rua percebem existir no seu modo de vida, como liberdade, não precisar prestar satisfação à família, a falta de preocupação com dinheiro e aluguel e a rede de solidariedade que estabelecem com outras pessoas na mesma condição. Compartilham alimentos e objetos pessoais, dividem tarefas e constroem uma “vida em família”, que supre o vínculo familiar muitas vezes cortado.

Sobre esse corte, Broide (1993) afirma que o psiquismo de moradores de rua é muitas vezes marcado por rupturas, que podem ser causadas pelo próprio sujeito ou por fatores externos, e são frequentemente entendidas como aquilo que os levou à rua. As mais prevalentes são aquelas que dizem respeito à família, como morte ou adoecimento de familiares, separações conjugais ou casos de alcoolismo e de transtornos psiquiátricos no próprio ou de parentes próximos. Devido a seu caráter traumático, essas rupturas são constantemente revividas pelo sujeito em novos relacionamentos e se tornam estruturantes de suas concepções de tempo e espaço.

Por outro lado, o fato de viverem no ambiente público limita a autonomia das pessoas em situação de rua no sentido em que os torna mais suscetíveis a políticas urbanas e à ação da polícia e de outras instituições reguladoras. Às pessoas desabrigadas são associadas noções de insegurança e ameaça ao bem comum, de forma que instituições (estatais ou privadas) se mobilizam para afastá-las do olhar e do convívio das outras (TOOLIS e HAMMACK, 2015). Os colocam como “*outsiders*”, indesejáveis, abjetos, e procuram regular e esconder seus corpos do resto da população (YOUNG e PETTY, 2019). Estima-se que cerca de 90% da população de rua de São Paulo já tenha sofrido agressões por parte da polícia ou de funcionários de centros de acolhida (SECRETARIA MUNICIPAL DE DIREITOS HUMANOS E CIDADANIA, 2015). Toolis e Hammack (2015)

ênfatisam ainda esforços de resistênça por parte dessas pessoas, que reivindicam o direito de viver nas ruas e praças alegando ser parte da comunidade local e contribuir para o melhoramento dela.

O espaço também se coloca para o morador de rua como simultaneamente possibilitador e dificultador da sobrevivênça. Espaços em que se possa fazer a higiene pessoal, por exemplo, são escassos e podem colocar o sujeito em situações degradantes e vulnerabilizá-lo a violênças sexuais, principalmente no caso de mulheres. Da mesma forma, a opção por não realizar esse tipo de higiene tem implicações negativas no convívio com os outros e no acesso a serviços (SECRETARIA MUNICIPAL DE DIREITOS HUMANOS E CIDADANIA, 2015).

O acesso à alimentação é outra questão que determina o uso do espaço. Muitos centros de acolhida e restaurantes comunitários oferecem refeições apenas em horários pré-determinados, de forma que, para usuários desses serviços é preciso não estar muito longe do restaurante em diversos momentos do dia, o que limita as possibilidades de trabalho e de circulação pela cidade.

Outra preocupação importante com a qual é preciso se haver é a possibilidade de roubos, devido ao alto grau de exposição em que a pessoa em situaçã de rua e seus pertences quase sempre estão. Alguns relatam evitar sair de perto da sua maloca para impedir que tenham seus objetos pessoais furtados (SECRETARIA MUNICIPAL DE DIREITOS HUMANOS E CIDADANIA, 2015).

Quanto ao lazer, que desempenha papel significativo nos processos de apropriação do espaço e apego ao lugar (MORANTA e POL, 2005), Broide (1993) aponta que ele aparece tanto em formas que fortalecem o laço com a cultura e a comunidade, quanto em outras que o fragilizam. No primeiro grupo se inserem atividades como refeições coletivas, frequentar praças e parques, assistir televisão em abrigos, praticar esportes ou práticas religiosas. Já no segundo se destaca o uso de drogas, que pode aparecer como defesa psíquica e se tornar um centralizador da atividade do sujeito, principalmente em regiões de uso concentrado, como a que se pretende estudar. O uso de drogas como álcool e maconha em grupo pode, no entanto, também ter papel fortalecedor do laço social.

Ainda no que diz respeito às drogas, vale comentar o papel que tem o tráfico no controle e regulação da vida na rua, “*impondo suas regras de conduta e punindo através da sua própria noção de justiça*” (SECRETARIA MUNICIPAL DE DIREITOS HUMANOS E CIDADANIA, 2015, p. 85).

Este trabalho tem como proposta investigar como essas especificidades afetam os processos de apropriação de espaço de moradores de rua e os significados afetivos que eles atribuem a esse ambiente muitas vezes hostil ou não-garantido, e explorar melhor o que de fato é o lugar para eles.

### **O Centro de São Paulo**

Cabe aqui alguma compreensão da história do espaço a ser estudado. O Centro de São Paulo, que no final do Séc. XIX (época da construção da Estação Júlio Prestes, que mais tarde viria a se tornar a Sala São Paulo) e nos primeiros anos do Séc. XX era considerado uma área residencial nobre e frequentado principalmente pela elite econômica da cidade, passou por um longo processo de desvalorização e esvaziamento. Conforme o mercado imobiliário perdia interesse na região em prol de bairros menos centrais, como Itaim Bibi, Morumbi e Pinheiros, o espaço consolidado passou a servir de palco para práticas marginais ao resto da cidade (VALVERDE, 2015), marcado pelo “*afastamento de parte de sua população para outros bairros, encortiçamento, proliferação do pequeno comércio informal, aumento da violência urbana (delinquência, assaltos etc.), prostituição, miséria (..)*” (FRUGOLI JR., 1995) e pelo consumo de drogas (SANDRONI, 2004). Nesse contexto emergiram as cracolândias, espaços que Valverde categoriza com o conceito foucaultiano de *heterotopia*, um lugar marginal, de crise, simultaneamente inserido e alheio às normas e instituições da sociedade.

Existem esforços voltados a uma chamada revitalização do Centro de São Paulo, entre os quais é possível inserir a transformação da antiga estação de trem Júlio Prestes na Sala São Paulo e reformas na Catedral Metropolitana de São Paulo (a Catedral da Sé). Porém é debatido o mérito desses projetos, questionando-se se eles promovem uma reintegração da população ou desconsideram os atuais frequentadores do espaço em prol de uma elite econômica e cultural, e apenas os realoca em um processo de

gentrificação (ROLNIK, 2017). Nesse sentido se uniriam às perspectivas que colocam moradores de rua como abjetos e indesejáveis, que devem somente ser “tirados do caminho” do resto da população.

Esse tipo de processo e de perspectiva ressalta a urgência de se produzir trabalhos com rigor científico que se debrucem sobre as experiências vividas por essas pessoas. Para que sejam planejados projetos de intervenção urbana e de políticas públicas de real eficácia em determinado território, é necessário que se considere as demandas e vivências de quem o ocupa. As revisões bibliográficas realizadas para este trabalho levantaram uma abundância de estudos sobre as condições materiais de pessoas em situação de rua, mas se fez notável a dificuldade de encontrar na literatura discussões sobre os significados e afetos que o ambiente vivido pode carregar para essas pessoas, para além de suprir suas necessidades básicas. Dessa forma, se faz extremamente relevante uma produção maior de conhecimento no campo, na qual este trabalho procura começar a se inserir.

## **Método**

A pesquisa foi realizada por meio de entrevistas semi-diretivas, efetuadas no território, nas quais foram abordados temas relativos à relação dos entrevistados com o espaço. Entre os aspectos explorados estão as atividades que exercem nele, o quanto circulam pela cidade, o que os atrai para determinado local ou afasta dele, se há ou não um senso de comunidade ali, se o sujeito se identifica com o lugar onde vive para além de uma condição de “rua” que independa de um local específico, se há uma memória construída referente àquele espaço, compartilhada ou não, se percebem algum ambiente como “seu lugar”, se há uma resistência para permanecer em espaços contestados, e por aí em diante. O foco da escuta foi identificar em especial as ligações afetivas que são estabelecidas com o espaço físico e os significados a ele atribuídos.

Os maiores critérios para a seleção de sujeitos foram a condição de pessoa em situação de rua e a disposição a realizar a entrevista, sendo categorias como raça, gênero, idade, nível educacional e uso ou não de drogas úteis enquanto categorias de análise após a realização das entrevistas, mas não determinantes na escolha de participantes. Não se

pretende coletar uma amostra generalizável à população geral. O que se busca são retratos de experiências subjetivas possíveis ante à situação de rua.

Foram entrevistados individualmente 3 participantes, abordados de forma livre no campo. No total abordou-se 6 pessoas ao longo de 3 dias de entrevistas. Dessas 6, duas optaram por não participar após a leitura do Termo de Consentimento. Uma terceira demonstrou grande interesse em fazer parte da pesquisa, mas não pôde ser incluída por ser menor de idade.

Sendo assim foram realizadas três entrevistas: Osório<sup>1</sup>, homem de 53 anos, Milton, de 24 e Rebeca, mulher de 33. O pesquisador apresentou um termo de consentimento livre e esclarecido (Anexo 1) que expõe as condições da pesquisa e, nos casos em que o participante consentiu, foi realizada uma entrevista semidiretiva, orientada por um roteiro previamente elaborado (Anexo 2). Esse roteiro oferece um suporte para o entrevistador relativo a aspectos importantes a serem abordados, mas não foi lido durante a entrevista. Por se destinar a captar da melhor forma possível aspectos subjetivos dos entrevistados, perguntas foram adicionadas ou omitidas de acordo com o contexto apresentado.

Foi feito um esforço para que o termo de consentimento fosse o mais curto, objetivo e facilmente compreensível possível sem perder o rigor, levando em consideração a possibilidade de que alguns participantes não fossem alfabetizados e fosse necessário que o termo fosse lido em voz alta pelo entrevistador. As entrevistas foram gravadas e tiveram duração de 20 a 35 minutos. Após coletados, gravados e transcritos, os relatos foram analisados qualitativamente de forma extensa e aprofundada. O conteúdo das entrevistas foi separado em núcleos de significação conforme o método elaborado por Aguiar e Ozella (2006) e investigado pelos prismas da psicologia sócio-histórica e da psicologia ambiental na tentativa de traçar aproximações e contradições existentes na relação de cada um dos participantes com o espaço. Após a transcrição das entrevistas, todos os áudios foram excluídos. O projeto desta pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da PUC-SP, com o CAAE 50384721.4.0000.5482.

Uma vez transcritos, os resultados foram apreendidos em 4 fases:

---

<sup>1</sup> Todos os nomes foram alterados para preservar a identidade dos entrevistados.

**I. Leitura flutuante e organização do material:** Construção de pré-indicadores de sentido a partir de quais conteúdos aparecem no discurso dos entrevistados e quais recebem particular ênfase.

**II. Aglutinação em indicadores de sentido e construção dos conteúdos temáticos:** via similaridade, complementaridade ou contraposição (AGUIAR, OZELLA, 2006).

**III. Construção dos núcleos de significação:** tentativa de apreender “a essência dos conteúdos expressos pelo sujeito” (AGUIAR, OZELLA, 2006), articulando conteúdos similares, contraditórios e complementares, de forma a observar as transformações e contradições na construção e reconstrução dos sentidos e significados das pessoas entrevistadas.

**IV. Análise dos núcleos de significação:** a exploração dos núcleos de significação será o caminho para apreender os sentidos e a subjetividade dos entrevistados. A análise poderá fazer uso de eventuais contribuições teóricas, mas se aterá principalmente a interpretar aquilo que os entrevistados trazem à luz do próprio discurso e não a partir de referências externas.

### **Identificação dos indicadores de sentido e dos conteúdos temáticos**

Como pré-indicadores, foram selecionadas falas dos participantes que receberam maior ênfase, se repetiram ou demonstraram aspectos afetivos da vida de cada um deles. Essas falas foram aglutinadas em indicadores de sentido a partir de similaridades, complementaridades e contraposições

#### **Entrevista 1: Osório:**

**Pré-indicadores:** “A vida aqui é complicada”; “Isso é questão de emprego”; “Cê acha que a pessoa escolhe ficar morando na rua?”; “Eu tô muito acomodado aqui. Se quisesse mesmo ia pra assistente social e ela me ajudava”; “Não conhecia ninguém aqui”; “Aqueles que você pensa que são seu amigo, se você marcar zero hora o cara vai lá e rouba você”; “Aqui tem pessoas boas”; “São poucas as pessoas aqui que sabem meu nome”; “Eu não tenho apego a ninguém, mas posso ter uma amizade”; “Tem muito perrequeiro”, “Quem me deu esse apelido foi um amigo meu que tinha uma maloca ali embaixo daquela aroreira”; “Lá o ambiente é negativo. Aqui é mais ou menos”; “Não é questão de gostar. Aqui é um lugar relativamente bom”;

“Porque eu procuraria outro lugar pra ficar? Não sei.”; “Como que eu vou pra outro lugar em que não conheço ninguém, não conheço nada?”; “Você não sabe de nada!”; “Você vai aprender logo com morador de rua?”; “Aqui tem muita injustiça”; “Durmo onde Deus me fornece um lugar pra dormir”; “A rapaziada aqui fala que eu sou muito inteligente. Se eu fosse muito inteligente não estaria em situação de rua”; “Meu problema é a cachaça”; “Neste planeta jaz o Maligno”; “Você é muito tentado, né?”; “Eu acredito em Deus, no Todo Poderoso”; “A vida é feita de escolhas: tem o caminho do bem e o caminho do mal”; “Se você tiver a mentalidade mais pra cima do que pra esse mundo aqui, a vida flui pra você”; “Minha vida mudou muito. Aqui foi uma vivência”; “Foi mudando gradativamente”; “Não mudei nada. Quem sou eu pra chegar num local e mudar o ambiente?” “Não tenho apego a ninguém. Só se a pessoa tocar meu coração”.

**Indicadores e conteúdos temáticos:** A dificuldade da vida na rua; A situação de rua como imposição: desemprego como determinante para a rua; Aproximações e afastamentos de outras pessoas; Contraposição entre amizade, apego e desconfiança; O contato com o outro construindo significados para o espaço; Tentação como entrave, fé como caminho; Afetos conectam ao lugar; Familiarização gera afetos; Inteligência e impotência; Auto-responsabilização pela própria condição; Percepção de que a praça o transformou, mas ele não transformou a praça.

## **Entrevista 2: Milton:**

**Pré-indicadores:** “Vim por causa da cola”; “Nunca mais saí”; “Vou visitar minha família e volto pra cá”; “Minha mãe já veio me buscar duas vezes, mas não gostei e voltei pra cá”; “Aqui tem tudo que eu quero”; “Virou minha casa já”; “Isso aqui é o quintal de casa”; “Gosto da rua mesmo, não sinto falta mais de nada”; “Sinto falta só do meu filho que morreu”; “Antes eu era mais de boa. Agora só quero saber de rua, rua, rua. Não quero saber de mais nada na vida”; “No abrigo me deram a atenção que eu precisava”; “Era um lugar pra quem realmente queria se recuperar. Eu não queria”; “Trabalho aqui no cassino”; “Antes eu era viciado em droga e em roubar. Agora sou viciado em baralho”; “Aqui tem pouco senso de comunidade, mas tem”; “Ele me ajuda e eu ajudo ele”; “Tem uns cara bom aí. Eles ajuda nós em várias fita”; Tem uns

que respeita. Tem vários que não respeita porra nenhuma”; “Tem uns que morre aí na praça. Até eu se moscar morro”; “Mudou muita coisa na minha vida essa praça”; “Eu não fiz mudança nenhuma aqui. Não ponho a mão em nada”.

**Indicadores e conteúdos temáticos:** A vida na rua enquanto escolha; Uso ou não de drogas como determinante para o estilo de vida; Percepção de piora e auto-responsabilização; Isso aqui é o quintal de casa: a apropriação do lugar; O trabalho como processo de apropriação do espaço; A vida em comunidade como processo de construção de afetos; Perigo e instabilidade X Autonomia; Percepção de que a praça o transformou, mas ele não transformou a praça.

### **Entrevista 3: Rebeca:**

**Pré-indicadores:** “Acredito em Jesus Cristo, mais nada”; “Claro que eu trabalho. Como é que eu vou comer?”; “Minha família é só minha irmã, que é irmã de rua, e meus cachorros”; “Lá em Goiânia não dava certo”; “Tenho família, mas não tenho parentesco”; “Eles nunca viram realmente quem eu sou”; “Eu vou ficar aguentando preconceito dentro de casa? Melhor ficar sozinha”; “Bem às vezes sinto falta da minha família”; “Aqui em São Paulo não tem discriminação”; “Moro aqui por escolha”; “Na verdade não é escolha, é opção”; “Ninguém manda em mim”; “Eu vivo assim porque eu gosto”; “Não sou de ninguém”; “As pessoas que vivem num quadrado não sabem realmente qual é a noção do mundo”; “Essa é a realidade da vida. Não é ficar trancado com uma máscara embaçando o óculos”; “Lógico que não penso em morar o resto da vida aqui, que eu não sou nenhuma idiota”; “Se quisesse sair daqui hoje, sairia”; “Todo mundo pensa em um dia sair daqui”; “Mas pra sofrer preconceito eu não vou”; “Aqui é onde começou o mundo”; “Essas ruas era tudo rio. O homem foi humanizando e acabou ficando tudo hominizado”; “A praça mudou muito”; “Hoje gente não é gente mais”; “Eu vou tomar uma injeção só porque você tá mandando?”; “Aqui eu criei um caráter; “Eu era muito arrogante”; “Hoje eu sou gente”; “A praça mudou minha vida pra melhor”; “Estar aqui me transformou num ser humano”; “Talvez eu tenha transformado aqui o lugar também”; “Essa aqui é minha casa, minha mansão”; “Minha irmã é minha vizinha”; “Eu e minha irmã tamos sempre relax”;

“Ninguém se envolve com a vida de ninguém aqui não”; “Cada um no seu quadrado”; “Quando me dá uma doidura eu vou pra qualquer lugar”; “Você quase não me encontra aqui”; “Mas eu sempre volto”.

**Indicadores e conteúdos temáticos:** A vida na rua como alternativa imperfeita à discriminação; A vida na rua como libertação e autodeterminação X as dificuldades do dia a dia; Ambivalência em relação à família; A rua enquanto ambiente de construção de uma nova família; Estar na praça é se inserir na história; Estar na praça é se tornar humano; Eu viajo, mas eu sempre volto: a praça como ancoragem; Essa é minha mansão: o espaço apropriado; Dialética em que a praça transforma a pessoa, mas a pessoa também transforma a praça.

### **Construção dos núcleos de significação**

Os núcleos de significação são a unidade de análise deste projeto. A elaboração deles consiste em uma tentativa de apreender “a essência dos conteúdos expressos por cada um dos sujeitos” (AGUIAR, OZELLA, 2006) a partir da articulação dos indicadores obtidos na etapa anterior. Articulando conteúdos similares, contraditórios e complementares foi possível observar as transformações e contradições na construção e reconstrução dos sentidos e significados dos participantes da pesquisa. Como se trata de vivências singulares, foram elaborados núcleos distintos para cada um dos entrevistados.

**Osório: - A vida aqui é complicada:** a situação de rua se apresenta como uma condição involuntária, que traz muitas mazelas e deve ser superada através do trabalho. A saída da rua depende de condições sociais coletivas, mas principalmente de um esforço individual contra a tentação e a acomodação.

- **Se eu fosse muito inteligente não estaria em situação de rua:** embate entre se perceber de competente e articulado e a impotência para transformar tanto as próprias condições quanto o mundo.
- **Aqui é um lugar relativamente bom:** a familiarização com o espaço e com a comunidade que o ocupa transforma o sujeito e cria laços afetivos tanto com o lugar quanto com as outras pessoas. Esses laços tornam o ambiente preferível a outros, apesar de seus problemas.

**Milton:** - **Aqui tem tudo que eu quero:** estar na rua é uma escolha. Apesar de contar com o apoio da família e recursos, a vida na praça é mais atraente por permitir a liberdade de se fazer o que quiser (com destaque para o uso de drogas), mesmo quando pensa estar prejudicando a si mesmo.

- **Isso aqui é o quintal de casa:** o espaço é apropriado. A praça se configura não como única alternativa possível, mas como lugar de identificação e sustentação da identidade. Essa relação existe enquanto processo e vai se construindo e reconstruindo através do trabalho, lazer e convívio social.
- **Antes eu era mais de boa. Agora só quero saber de rua, rua, rua. Não quero saber de mais nada na vida:** o entrevistado se percebe transformado pelas experiências que viveu, na rua e fora dela. Acredita que essas transformações façam com que adote uma postura mais resignada e menos autônoma do que a que tinha em outros momentos da vida.

**Rebeca:** - **Todo mundo pensa em um dia sair daqui, mas pra sofrer preconceito eu não vou:** a vida na rua é uma vida de contradições. Ao mesmo tempo dá a liberdade para se ser quem realmente é e ter uma percepção mais completa e humana do mundo, mas também traz desafios que não a tornam desejável a longo prazo. A escolha de viver na rua é uma alternativa a se sujeitar à discriminação do resto do mundo, mas é uma alternativa imperfeita.

- **Hoje eu sou gente:** a condição de rua permite um contato com o mundo mais autêntico do que o que tinha antes. Morar na praça foi uma escolha que transformou a vida para melhor, apesar das dificuldades.
- **Eu viajo, mas eu sempre volto:** o ambiente da praça oferece ancoragem para a vida psíquica. A liberdade de viajar e frequentar outros espaços é importante, mas sempre se retorna ao ponto de referência, onde existem laços afetivos tanto com o ambiente físico, quanto com a comunidade.

- **Aqui é onde começou o mundo:** a escolha de morar na praça remete a uma memória individual, mas vai para além disso. Estar na praça é se inserir na história do mundo, é se perceber como parte ativa de um processo coletivo de construção cultural e social.

## **Análise dos núcleos de significação: Osório**

### **A vida aqui é complicada**

Osório é um homem pardo cisgênero de 53 anos. Conta que está vivendo na praça há cerca de 4 anos e meio. Antes disso, morava sozinho em um “quartinho” alugado na Zona Norte de São Paulo e trabalhava como entregador de leite. Quando perdeu o emprego e se viu sem condições de continuar pagando o aluguel, abandonou o quarto com a maioria de seus pertences e foi viver na rua.

Conta de uma adaptação difícil ao novo estilo de vida. Quando chegou ao Centro não conhecia bem a região, não sabia que serviços estavam disponíveis e como acessá-los e não conhecia ninguém. Chegou a procurar por um albergue, mas foi informado que não existia nenhum nas redondezas e se direcionou à Praça da Sé. Com o tempo foi conhecendo melhor o ambiente e as pessoas que o frequentam e se adaptando à nova realidade. Hoje conta que não passa necessidades, apesar das dificuldades.

No relato de Osório se destaca a condição de rua como uma imposição. Não é uma experiência que traz benefícios, apenas a única alternativa possível quando não se tem trabalho e condição de sustentar uma moradia própria. Dessa forma, os afetos que podem surgir no dia a dia são marcados por uma ambivalência: mesmo as experiências positivas são percebidas como desdobramentos de uma condição inerentemente negativa.

Isso se faz aparente principalmente nas relações sociais com outros moradores da praça. Osório conta que tem relações amistosas com a maioria das pessoas com quem convive, inclusive fez amigos, mas diz que são amizades em que não há confiança, em que sabe que não pode contar com os amigos. Relata como exemplo disso principalmente roubos e furtos entre os moradores. Em suas palavras, *“aquele que você pensa que é seu amigo, que tá dia a dia lado a lado tomando uma pinguinha, fumando um cigarrinho, se você aparecer com um dinheiro, (...) aí o cara vai e “pum”, rouba você”*. Mesmo experiências afetivas são pintadas pela carga da violência e da necessidade que caracterizam a vida nessas condições.

Osório acredita que a única forma possível de superação dessas dificuldades é através do trabalho, que ofereceria condições para que tivesse uma moradia própria e um controle maior da própria vida. No entanto, percebe o acesso ao emprego como muito dificultado. Atribui isso a duas causas: fatores políticos que vão para além do seu alcance e o que chama de uma acomodação individual.

### **Se eu fosse muito inteligente não estaria em situação de rua**

Osório conta de uma contradição muito marcante na sua condição. Ele se percebe uma pessoa capaz e articulada, que tem interesse em aprender, sabe e gosta de ler livros e é vista por quem convive como alguém muito inteligente. No entanto, vê essas características como incompatíveis com suas condições materiais. Em suas palavras, *“se eu fosse muito inteligente não estaria em situação de rua”*.

Aí se explicita um conflito que permeia toda a sua fala. Apesar de reconhecer que existem também fatores políticos e sociais em jogo, Osório se responsabiliza pela própria condição, a saber, por não conseguir um emprego e não conseguir sair da rua. Dessa forma se instaura uma dialética entre uma autoimagem enquanto sujeito ativo e potente e uma materialidade que lhe rouba essa agência, e que, na sua percepção, dá sinais de que não é tão competente quanto gostaria de se ver.

Osório diz que se realmente se esforçasse, conseguiria sair da rua, mas que está acomodado. A isso, adiciona um teor religioso. Acredita que existe o caminho do Bem e o caminho do Mal, e que é tentado por forças maiores a seguir pelo do Mal e por vezes não consegue resistir. Os principais comportamentos que cita como exemplo disso são a já citada acomodação - não fazer um esforço ativo para transformar sua vida - e a bebida, que diz que o torna *“chapado”*. É interessante notar que beber com os amigos é uma das únicas atividades de lazer que cita durante a entrevista. É possível que seu uso do álcool de fato gere problemas, mas, dentro do contexto de suas outras falas, vale notar o viés ideológico de que atividades voltadas à diversão e ao lazer produzem culpa. Osório encontra maneiras de justificar a própria exclusão social como legítima por não se esforçar o suficiente. Os indícios de capacidade de agência própria se chocam com a impotência material e culminam numa autopercepção impotente.

Nesse sentido, é significativo notar a impotência com a qual Osório percebe também o ambiente. Ele se vê muito transformado pela vida na praça, mas não acredita ter transformado a praça de volta. Cabe então o debate: há aí uma

apropriação do espaço? Pol (1996) propõe que a apropriação ocorre por duas vias concomitantes: ação-transformação e identificação simbólica. No caso de Osório, a identificação simbólica está clara - a praça se inscreve no sujeito e o transforma - mas se tomarmos seu relato, é difícil identificar a ação-transformação, o componente comportamental e material da apropriação. Ele diz “*Quem sou eu pra chegar num local e mudar o ambiente?*”, reafirmando a própria falta de agência perante o lugar e o contexto maior histórico da praça. Segundo si próprio, não faz qualquer inscrição ou deixa qualquer marca no ambiente, apenas o frequenta pelo tempo que for necessário.

No entanto, Pol reforça que, quando se trata do espaço público da cidade, a ação-transformação é sempre limitada quando se trata de indivíduos, mas isso não significa que a apropriação é impossível. A transformação do espaço público está, em última instância, nas mãos de gestores públicos e associações civis e culturais, de forma que uma pessoa socialmente excluída e em situação de vulnerabilidade terá um poder muito limitado nesse sentido. Ainda assim, reitera que “*apropiación no implica dominio legal, sin embargo ello no impide que haya una cierta ocupación manifesta del espacio*” (POL, 1996, pág. 54). O sujeito ainda pode se apropriar do espaço pelas vias simbólicas, cognitivas e até por transformações que podem parecer diminutas à primeira vista.

### **Aqui é um lugar relativamente bom**

A apropriação simbólica da praça por Osório se evidencia na sua resposta a porque permanece ali e não vai para outro lugar: “*Como que eu vou pra outro lugar em que não conheço ninguém, não conheço nada?*”. Viver na praça confere a ela uma familiaridade e a investe de afetos que a tornam preferível a outros ambientes desconhecidos.

Um bom exemplo dessa significação do espaço na prática é o relato que faz sobre uma árvore em determinado ponto da praça. Conta que sob aquela aroeira ficava antigamente a maloca de um amigo já falecido, que o ajudou na adaptação à vida ali e inclusive foi quem lhe deu o apelido pelo qual todos da região o conhecem. A aroeira passa então a significar mais do que uma árvore qualquer. Mesmo hoje não havendo maloca ali, a árvore carrega, para Osório, a memória do amigo falecido e das experiências que viveram juntos. O espaço não é mais neutro, apenas onde

se está, mas é investido de afeto, memórias e histórias tanto individuais quanto compartilhadas.

Essa importância do espaço conhecido se faz notável também no seu relato sobre a experiência que teve em abrigos. Em uma ocasião foi levado para um abrigo na Zona Leste da cidade, pois estava passando muito frio ao relento na praça. Apesar de o abrigo oferecer condições materiais às quais não teria acesso na Sé, Osório pouco tempo depois escolheu voltar, mesmo que a pé com a ajuda de trecheiros (pessoas que conhecem o caminho e o mostram para quem precisa). Conta que o ambiente no abrigo era “negativo” e que não se sentia confortável com as pessoas de lá. Na Sé também existiam pessoas com quem tinha problemas, mas também tinha amigos, conhecidos e um ambiente com o qual já estava familiarizado. Nas suas palavras “*Lá o ambiente é negativo. Aqui é mais ou menos. Aqui é um lugar relativamente bom*”. Osório reconhece a praça como imperfeita e geradora de sofrimentos, mas suas experiências passadas com ela e com a comunidade que a rodeia a tornam um ambiente preferível a outro desconhecido. A praça oferece sustento para a experiência e para a identidade, mesmo sendo vista como um lar temporário a ser superado.

### **Análise dos núcleos de significação: Milton**

#### **Aqui tem tudo que eu quero**

Milton é um homem cisgênero branco de 24 anos. Conta que está na rua intermitentemente há 15 anos e que frequenta a Praça da Sé desde muito jovem. Diz que foi para lá por escolha, pois queria usar drogas (em especial cola de sapateiro). Inicialmente usava perto de sua casa, na Zona Norte da cidade, mas por sugestão de amigos e por maior disponibilidade de drogas se mudou para o Centro. Milton relata que tem um contato próximo com a família e que poderia sair da rua, caso quisesse, mas prefere continuar nessas condições, porque, em suas palavras “*aqui tem tudo que eu quero*”.

Vale notar que conta fazer visitas semanais à mãe na Zona Norte e que por mais de uma vez ela e o resto da família fizeram um esforço para que morasse com eles, mas Milton preferiu retornar à praça em todas as ocasiões. Também foi preso por 3 anos por roubo e ao sair também optou por voltar. A praça se configura portanto como um ambiente que vai além da necessidade e da sobrevivência. Milton apresenta a vida na rua como uma escolha em nome de sua autonomia.

Não é, no entanto, uma escolha sem custos. Reconhece que ao optar pela vida ali, está se sujeitando a condições difíceis e se colocando em risco. Como ele mesmo diz, *“tem uns que morre aí na praça aí porque vacila, uns que morre baforando, uns que morre com a imunidade muito fraca na madrugada, que não acorda. Acontece várias ficha, diversas ficha, várias coisas aqui, pá. Até eu, se moscar eu morro, se ficar ligado na droga que nem eu era”*. Destaca-se o risco em que percebe colocar a si mesmo através do uso de drogas. As drogas se configuram ao mesmo tempo como atrativo e grande parte do motivo de optar por estar ali, mas também como ameaça à própria integridade física e até à vida. Chegou a passar por um serviço de acolhimento após um episódio de crise relacionado ao uso abusivo, mas, após se recuperar, retornou à praça, pela liberdade que ela lhe conferia de voltar a usar outras substâncias.

### **Isso aqui é o quintal de casa**

O relato que Milton faz da Praça da Sé é o de um ambiente apropriado, um ponto de partida e de retorno a partir do qual pode dar estrutura para suas experiências. Através do convívio com o lugar e seus frequentadores ao longo de muitos anos e momentos diferentes da vida psíquica, construiu simbolicamente um lar ali e uma identidade orientada por ele. Em suas próprias palavras, *“já virou a minha casa. Isso aqui é o quintal de casa”*. Possui uma barraca na qual dorme e que considera verdadeiramente sua, mas a apropriação transcende o espaço que é exclusivamente seu e abrange também o público.

É notável perceber o caráter processual pelo qual essa apropriação se dá. A apropriação do espaço não é um ato estático e finito, mas sim um percurso ativo de ações e significações que se recoloca e reinventa todos os dias a partir do convívio com o ambiente. Na entrevista de Milton, se destacam 3 aspectos desse convívio: trabalho, lazer e as relações interpessoais.

Deles, os dois primeiros se concentram na figura do cassino, que se caracteriza mais como um serviço do que um local específico. A depender das condições e demandas do momento, se montam mesas (ou mesmo o chão) em pontos variados da praça para jogar diferentes jogos. Milton ajuda a tomar conta dos jogos, montar as mesas e providenciar os baralhos, juntamente a um amigo, e, com isso, assume também parte dos lucros. *“Ele me ajuda e eu ajudo ele”*. Também participa como jogador, sendo essa sua principal atividade de lazer além do uso de

drogas. Em suas palavras, “*Antes eu era viciado em droga e em roubar. Agora sou viciado em baralho*”. O serviço do cassino, portanto, reúne parte considerável das atividades de Milton na praça, se configurando como um mediador importante para seu contato com ela. Por conta dele, Milton faz mudanças concretas no ambiente, determinando o local de cada mesa e cada jogo, e simultaneamente transforma a si mesmo, tendo relações, afetos e prazeres mediados por esse ofício. Há, então, tanto a ação-transformação, quanto a identificação simbólica, apontadas por Pol (1996) como componentes da apropriação do espaço.

Também vale destaque a forma como enxerga a vida coletiva ali. Quando perguntado se acredita haver um senso de comunidade na praça, responde que “*tem pouco, mas tem*”. Conta de conflitos e brigas com “*uns cara que não respeita porra nenhuma*”, mas também de redes de apoio entre os moradores. Além do amigo com quem toma conta do cassino e compartilha as dificuldades e ganhos, relata sobre pessoas que moram há tempos na praça e se tornam referências para o apoio aos outros, como o caso de quem chama de Tio Raimundo<sup>2</sup>. O apoio e contato afetivo entre as pessoas que ocupam o espaço também são processos que constroem e reconstróem laços com o ambiente e o tornam mais próprio.

### **Antes eu era mais de boa. Agora só quero saber de rua, rua, rua. Não quero saber de mais nada na vida**

Apesar de afirmar estar na praça por escolha e exaltar alguns dos seus aspectos positivos, é possível perceber uma grande carga de sofrimento no relato de Milton - sofrimento esse que também colore suas experiências na rua. As dificuldades da vida em condição de vulnerabilidade, uso abusivo de drogas, o tempo na cadeia, a morte de amigos e, principalmente, a do filho de 3 anos, em um atropelamento em 2019, o transformaram e também o seu relacionamento com a cidade. Milton se percebe mais resignado e depressivo do que já fora. Em suas palavras, “*não quero saber mais de nada da vida*”.

Nessa configuração, seu relacionamento com a vida na rua ganha uma dimensão adicional: a rua ainda aparece como um espaço que permite mais autonomia do que outros, mas essa autonomia pode por vezes se voltar para comportamentos autodestrutivos. Ao contar sobre a instituição em que ficou internado afirma que saiu pois: “*era um lugar pra quem realmente queria se*

<sup>2</sup> Nome alterado.

*recuperar. Eu não queria*". Conta que foi embora pois queria voltar a usar substâncias que não eram permitidas lá dentro, ressaltando a dicotomia entre a busca do prazer e a da saúde. Também conta que depois do período preso e da morte do filho, passa menos tempo com a família, *"só quer saber de rua, rua, rua"*.

Acredita que a praça em si passou por uma transformação parecida com a sua própria. Diz que hoje o ambiente é pior do que já foi um dia, com mais violência e mais riscos. *"Hoje se você moscar aqui, cê deita"*. A transformação na sua subjetividade transforma também sua relação com o espaço, e vice-versa.

### **Análise dos núcleos de significação: Rebeca**

#### **Todo mundo pensa em um dia sair daqui, mas pra sofrer preconceito não vou**

Rebeca é uma mulher transgênero, parda, de 33 anos. Nasceu em Goiânia e lá morou por grande parte de sua vida, até que, cerca de 12 anos antes da entrevista, se mudou para São Paulo. Conta que, ainda em Goiânia, teve uma série de empregos em boas posições e um apartamento próprio (que hoje se encontra alugado e suplementa sua renda), mas naquelas posições sofria discriminação da família e não podia ser quem realmente era. Sendo assim, rompeu com a família biológica e foi viver em São Paulo, na Praça da Sé. Em suas palavras, *"na mente deles eles me veem uma pessoa, mas não é essa pessoa aqui. Eles nunca viu realmente quem eu sou"*. Na praça, compôs uma nova *"família sem parentesco"*, com uma *"irmã de rua"*, também transgênero, um cunhado e diversos cachorros espalhados pelo Centro, dos quais toma conta.

A rua aparece então na narrativa de Rebeca como um espaço que promoveu e segue promovendo uma libertação. Diz que está ali por escolha, porque gosta, porque *"aqui ninguém manda em mim"*. No entanto, também afirma que não gostaria de continuar ali. Diz: *"eu não sou nenhuma idiota, né? Morar o resto da minha vida numa barraca?"*. Em outro momento complementa: *"todo mundo pensa em um dia sair daqui, mas pra sofrer preconceito não vou"*. Sendo assim, se instaura uma contradição que permeia todo seu relato. Estar na rua é algo positivo, que permite ter uma relação mais autêntica com o mundo e viver sem sofrer tanto preconceito. Simultaneamente, é se sujeitar a condições de vida muito desfavoráveis. É enriquecedor viver as experiências que vive, mas Rebeca não se submeteria a elas se existisse uma alternativa sem discriminação.

Esses processos complexos de contraditoriamente afirmar a própria autodeterminação e se expor a riscos se repetem no que diz respeito à profilaxia da Covid-19. Rebeca conta que não se vacinou, pois se recusa a tomar uma injeção que não conhece só porque estão mandando que o faça. Se expõe à possibilidade maior de contrair a doença e desenvolver sintomas, pois entende a vacina como mais uma tentativa institucional de regular seu corpo, à qual deve resistir.

### **Hoje eu sou gente**

Ainda assim, aponta o convívio com o espaço da praça como extremamente esclarecedor. Conta que quando tinha empregos formais e bens materiais era arrogante e não sabia como realmente era o mundo. Diz que a vida em um apartamento (*“em um quadrado”*, nas suas palavras), torna as pessoas alienadas da verdadeira dimensão da realidade, e apenas estando na rua foi possível conhecer o mundo como ele realmente é. Em última instância, afirma que *“estar aqui me transformou num ser humano”*.

É interessante para os fins desta pesquisa notar como Rebeca atribui diretamente a estar na praça transformações fundamentais na sua vida e até no seu caráter. Quem o indivíduo é está indissociavelmente ligado ao espaço que ele habita e, conseqüentemente, ao qual ele atribui significado. Como colocam Mourão e Cavalcante, *“nossa subjetividade se expande nos espaços e estes passam a fazer parte de nós mesmos, tornando-se espaços apropriados”* (2011, págs. 212-213). Passar por uma transformação dentro de determinado espaço implica incluir esse espaço naquilo em que se transforma.

Concomitantemente, Rebeca acredita também ter transformado o lugar. Deixa marcas materiais no espaço, como sua barraca e a de sua irmã, que juntas compõem uma estrutura firme e de porte não desconsiderável (sua *“mansão”*) e a presença dos vários cachorros dos quais cuida na praça, que altera a dinâmica do ambiente. Também conta que a sua presença parece ter um impacto na vida das outras pessoas que ali frequentam. Quando questionada se acredita que ela própria transformou a praça, responde: *“talvez sim, de certa forma. Não sei qual forma, mas muitas pessoas vêm pedir opinião pra mim”*. A mudança pode não ser nitidamente observável, mas existe simbolicamente para Rebeca.

### **Eu viajo, mas eu sempre volto**

O lugar adquire também papel de ancoragem. Rebeca conta que é difícil encontrá-la na praça. Passa o dia caminhando por São Paulo e, quando lhe “dá uma *doidura*”, faz longas viagens a pé, principalmente para outras grandes cidades da Região Sudeste. No entanto, desde que saiu de Goiás, tem a Praça da Sé como ponto de referência e retorno. Ali tem sua barraca fixa, sua irmã e seus cachorros, além de uma ligação afetiva com o lugar em si e suas redondezas. Sobre as viagens que faz, diz que são visitas, mesmo quando mais longas, mas que sua casa não deixa de ser a praça.

É possível perceber, portanto, que a Praça da Sé passa a integrar parte da identidade de Rebeca. Como apontam Proshansky, Fabian e Kaminoff (1983), a identidade não é uma instância estática, mas sim existe enquanto processo, se transformando e moldando de acordo com as experiências do sujeito - experiências essas que estão sempre situadas na história e, fundamentalmente para esta pesquisa, em um espaço sociofísico. Sendo assim, os anos que passou tendo como principal referência de lar a praça, a torna parte de si. O lugar apropriado, que satisfaz necessidades do indivíduo e recebe significações e afetos, compõe também aquilo que se é. No caso de Rebeca, faz-se notável o sentimento de pertencimento à Praça da Sé, mesmo quando não se está nela. Para Korpela (1989), esse pertencimento é “*não apenas um aspecto da identidade de lugar, mas a base necessária para toda sua existência*”.

### **Aqui é onde começou o mundo**

Outro aspecto importante para pensar a relação de Rebeca com o espaço que ocupa é como ela própria o situa em um contexto histórico e social. Quando perguntada sobre porque escolhe especificamente a Praça da Sé para morar, remete à importância histórica e geográfica do lugar, como o Marco Zero que determina o início da numeração das ruas e rodovias estaduais de São Paulo. Aponta a praça como um ponto de origem para o desenvolvimento da cidade e da cultura. Fala sobre o processo, muitas vezes violento (destaca a morte de pessoas indígenas nativas e negras no contexto colonial), através do qual o espaço e os recursos naturais foram apropriados para o desenvolvimento urbano e, em suas palavras, “*hominizados*”. Rios foram cobertos e transformados em ruas e a praça se tornou um marcador tanto simbólico quanto concreto dessa transformação.

Ao apontar esses aspectos como a razão de sua escolha para estar ali, Rebeca se insere como também sujeito histórico. Ela resgata uma memória social e se percebe simultaneamente moldada (“*como eu sou parda, então nasci já de coisa assim, sabe?*”) e capaz de moldar esse contínuo através da própria atividade no local. Considerando que a praça aparece no seu discurso como um lugar de autodeterminação e de resistência à discriminação, resistir na Praça é marcar essa resistência em um contínuo da história.

## **Conclusão**

Os três relatos coletados e analisados ao longo deste trabalho apontam para a vida na rua como uma experiência muito heterogênea, mesmo quando o ambiente ocupado é o mesmo. Isso era esperado, afinal cada pessoa tem razões diferentes para estar na condição em que está e a interpretará à luz de suas próprias experiências. Trata-se, como já explicitado, de uma pesquisa qualitativa que não tinha como objetivo desvelar qualquer verdade universal sobre a condição de rua, mas sim explorar formas possíveis de se relacionar com o espaço e investigar como se dão os processos de atribuição de significados e afetos a ele quando o espaço privado é também o espaço público. Ainda assim, é possível observar convergências entre as narrativas que foram apresentadas.

Todos os relatos apontam que estar na rua, seja por escolha ou não, é se submeter a uma condição de vulnerabilidade. É abrir mão de assistências da família e de instituições e se tornar mais suscetível a violências, roubos, chuvas, frio e até ao risco de morte. Envolve portanto, ser praticamente o único responsável por si próprio, o que acarreta tanto aspectos positivos quanto negativos. A vida na rua permite uma autodeterminação, a liberdade de viver uma vida menos regulada por convenções. Essa não-regulação, por sua vez, expõe o sujeito a perigos, mas em algum nível também possibilita a capacidade de tomar as próprias escolhas, mesmo quando essas escolhas envolvem prejudicar a si próprio.

Mais importante para a pergunta desta pesquisa, os relatos apontam que habitar um local e agir nele, seja com mais ou com menos autonomia, envolve incorporar parte dele em quem se é. Osório, Milton e Rebeca se percebem transformados pelo que viveram na Praça da Sé, cada um à sua própria maneira, e atribuem ao território uma parte significativa dessa transformação. Também percebem transformações no próprio território, algumas concretas e com pouca

relação com a própria atividade, mas outras mais simbólicas. Uma árvore é investida com parte do afeto por um amigo falecido que costumava ficar à sombra dela. Os espaços da praça passam a ser interpretados como espaços de um cassino, fundamental para a atividade, tanto de trabalho quanto de lazer. A praça se torna palco de uma existência mais livre de discriminações e da construção de uma nova família, “*sem parentesco*”, após o rompimento com a família biológica. A capacidade de intervir sobre o ambiente é limitada, mas marcas são feitas mesmo assim.

Em última instância, é possível perceber que em todos os casos o espaço “*se carrega de significado e é percebido como próprio pela pessoa, integrando-se como elemento representativo de identidade*” (MORANTA E POL, 2005, p. 287). Sendo assim, o espaço deixa de ser apenas um espaço físico, assumindo o caráter de lugar para os indivíduos entrevistados.

### **Considerações finais**

Através deste trabalho, foi possível vislumbrar de relance a importância de aspectos afetivos e simbólicos do espaço ocupado para pessoas em situação de rua. No entanto, tratando-se apenas de um Trabalho de Conclusão de Curso, ele não conta com recursos para investigar o tema com a profundidade que lhe é devida. O pesquisador acredita que esta investigação inicial tem como maior papel evidenciar que o tema é de fundamental importância para que se possa elaborar intervenções urbanas e políticas públicas com real compromisso social, e encoraja que pesquisas mais compreensivas sejam feitas na área.

Também sugere que investigações futuras, além da mera coleta e análise de dados, procurem construir, junto aos participantes e entrevistados, intervenções mais diretas do que as que foram realizadas aqui. O modelo de pesquisa adotado neste trabalho - apenas por observação e entrevista - tem sua importância e pode colaborar para a elaboração de intervenções posteriores. No entanto, corre o risco de gerar benefícios tão somente aos pesquisadores, à revelia daqueles que deveriam ser os verdadeiros protagonistas do processo: a população que se está tentando investigar.

## Referências bibliográficas

AGUIAR, W.; OZELLA, S. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília , v. 26, n. 2, p. 222-245, 2006.

BERGAMASCHI, M.; CASTRIGNANÒ, M.; RUBERTIS, P. D. The homeless and public space: urban policy and exclusion in Bologna. **Revue Interventions économiques**, 51, *L'économie politique du "care"*. **Entre continuité et changement**, Québec, 2014. Online.

BROIDE, J. **A Rua enquanto Instituição das Populações Marginalizadas: Uma abordagem psicanalítica por meio de grupo operativo**. Campinas: Universidade Católica de Campinas, 1993.

COMPANS, R. Intervenções de recuperação de zonas urbanas centrais: experiências nacionais e internacionais. In: COMIN, A. A.; SOMEKH, N. **Caminho para o Centro: estratégias de desenvolvimento para a região de São Paulo**. São Paulo: PMSP/CEBRAP, 2004.

COX, T. 10 of the world's best concert halls. **The Guardian**, Londres, p. Acesso em 9 de abril de 2019. Disponível em <https://www.theguardian.com/travel/2015/mar/05/10-worlds-best-concert-halls-berlin-boston-tokyo>, 5 Março 2015.

FEITOSA, M. Z. DE S.; AZEVEDO SOUSA, L. C.; COELHO PAZ, A. F.; FERREIRA LANDIM BARRETO, E. H.; CRUZ BOMFIM, Z. ÁUREA. Afetividade, território e vulnerabilidade na relação pessoa-ambiente: um olhar ético político. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 30, n. 2, p. 196-203, 19 jul. 2018.

FRUGOLI JR., H. **São Paulo: espaços públicos e interação social**. São Paulo: Marco Zero, 1995.

FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS. **Censo da população em situação de rua da cidade de são paulo, 2015**. Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social-SMADS/Prefeitura de São Paulo. São Paulo. 2015.

KORPELA, K.M. Place-identity as a product of environmental self regulation. **Journal of Environmental Psychology**, v. 9, Cambridge, MA. p. 241-256. 1989.

MONTGOMERY, J. Making a city: Urbanity, vitality and urban design. **Journal of Urban Design**, Volume 3, Londres, 1998. 93-116.

MORANTA, T. V.; POL, E. La apropiación del espacio: una propuesta teórica para comprender la vinculación entre las personas y los lugares. **Anuario de Psicología**, vol. 36, nº 3, Barcelona, 2005. 281-297.

MOURÃO, A. R. T.; CAVALCANTE, S. Identidade de Lugar. In: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. **Temas básicos em psicologia ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 208-216.

- POL, E. La apropiación del espacio. In: ÍÑIGUEZ, L.; POL, E. **Cognición, representación y apropiación del espacio**. Barcelona: Publicacions de la Universitat de Barcelona, v. 9, 1996. p. 45-62.
- PROSHANSKY, H. M.; FABIAN, A. K.; KAMINOFF, R. Place-identity: Physical world socialization of the self. **Journal of Environmental Psychology Volume 3, Issue 1**, Londres, 1983. 57-83.
- RIOUX, L.; MOCH, A. Approche psychosociale de l'appropriation de l'espace : état des lieux. **Les cahiers du LAPSI, N°6, Marginalité et violences urbaines en Algérie : pour une approche multidisciplinaire**, Argel, Novembro 2009. 71-97.
- ROLNIK, R. **Territórios em conflito**: São Paulo: espaço, história e política. São Paulo: Três Estrelas, 2017.
- SANDRONI, P. A dinâmica imobiliária da cidade de São Paulo: esvaziamento, desvalorização e recuperação da região central. In: COMIN, A.; SOMEKH, N. **Caminho para o Centro: estratégias de desenvolvimento para a região de São Paulo**. São Paulo: PMSP/CEBRAP, 2004.
- SANTOS, M. **O dinheiro e o território**. GEOgraphia, ano 1, nº 1, p. 7-13, 1999. Disponível em: <http://www.geographia.uff.br/index.php/geographia/article/view/2/2>.
- SECRETARIA MUNICIPAL DE DIREITOS HUMANOS E CIDADANIA. **Pesquisa Social Participativa Pop Rua: Relatório Final – Sistematização dos Resultados da Pesquisa Social Participativa**. Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania. São Paulo. 2015.
- SMALDONE, D.; HARRIS, C.; SANYAL, N. An exploration of place as a process: The case of Jackson Hole, WY. **Journal of Environmental Psychology Volume 25, Issue 4**, Londres, Dezembro 2005. 397-414.
- SOJA, E.W. Thirdspace: Journeys to Los Angeles and Other Real-and-Imagined Places. **Blackwell**, Cambridge, MA, 1996.
- TOOLIS, E.; HAMMACK, P. "This is My Community": Reproducing and Resisting Boundaries of Exclusion in Contested Public Spaces. **American Journal of Community Psychology, 56**, Champaign, 2015. 368-382.
- UJANG, N.; ZAKARIYA, K. **The Notion of Place, Place Meaning and Identity in Urban Regeneration**. Asian Conference on Environment-Behaviour Studies, Chung-Ang University, 25-27 August 2014" Environmental Settings in the Era of Urban Regeneration". Seoul: Procedia - Social and Behavioral Sciences. 2014. p. 709 – 717.
- VALDIVIESSO, R. **Contribuição para o conhecimento da territorialidade humana: o graffiti e o espaço territorial urbano**. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Ciências, Universidade do Porto, Porto, 2006. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10216/64108>.

VALVERDE, R. Cracolândia: a heterotopia de um espaço público. **Boletim Campineiro de Geografia**, v. 5, n. 2, Campinas, 2015. 211-230.

YOUNG, A.; PETTY, J. On visible homelessness and the micro-aesthetics of public space. **Australian & New Zealand Journal of Criminology**, Melbourne, 2019. 1-18.

## Anexo 1 - Termo de consentimento livre e esclarecido

### PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - PUC-SP

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(OBRIGATÓRIO PARA PESQUISAS CIENTÍFICAS EM SERES HUMANOS - RESOLUÇÃO NO 196 - CNS)

#### 1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO PARTICIPANTE DA PESQUISA OU SEU RESPONSÁVEL LEGAL

Nome completo: \_\_\_\_\_

Documento de identidade (RG ou CPF): \_\_\_\_\_

Gênero: \_\_\_\_\_

Data de nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Telefone de contato: (\_\_\_\_) \_\_\_\_\_

#### 2. DADOS SOBRE A PESQUISA

**TÍTULO DA PESQUISA:** A dimensão afetiva do espaço para pessoas em situação de rua no Centro de São Paulo.

**PESQUISADOR:** Pedro Nunes de Araujo Liesegang - Aluno do Curso de Psicologia

**PESQUISADOR RESPONSÁVEL:** Prof. Dr. Marcelo Camargo Batistuzzo - Orientador da Pesquisa com Inscrição Conselho Regional De Psicologia nº 06/93.000

Este termo faz parte de um trabalho de conclusão de curso de psicologia na PUC-SP. Ele vai compor uma pesquisa a respeito de como pessoas em situação de rua se relacionam com o espaço e como são suas ligações afetivas e emocionais com ele.

A participação é voluntária, então não gera custos e não oferece compensação financeira/remuneração. Os dados destinam-se unicamente a fins acadêmicos e é garantido o sigilo dos sujeitos, assim como a retirada da autorização dos participantes, caso desejem desistir de sua participação na pesquisa. Quando o trabalho for publicado, todos os nomes e características que permitam identificar os participantes serão alterados.

A entrevista será gravada e será anotada por escrito. Somente membros da pesquisa terão acesso a esses arquivos, que em hipótese alguma serão divulgados, sendo esse um compromisso ético dos pesquisadores. A duração das conversas deve ser de aproximadamente 30-60 minutos.

Os riscos para os entrevistados são mínimos. O único contato entre pesquisador e participantes será por meio da realização das entrevistas, que dificilmente causarão algum dano. Caso seja experienciado algum desconforto, os pesquisadores se disponibilizam para contato e potencial apoio. Há, devido à pandemia de Covid-19, o risco de contaminação, tanto pela via pesquisador-participante, quanto participante-pesquisador. Para minimizar esses riscos, o pesquisador usará máscara e solicitará que o participante faça o mesmo. As entrevistas também serão realizadas no ambiente mais aberto possível. A pesquisa não oferecerá benefícios aos participantes para além da escuta oferecida pelo entrevistador e a possibilidade de entrar em contato com o trabalho final. Ela pretende, no entanto, oferecer um enriquecimento ao campo de estudo, aumentando o enfoque na subjetividade de pessoas em condições de vulnerabilidade para além de suas necessidades básicas.

É possível entrar em contato com o pesquisador Pedro Nunes de Araujo Liesegang pelo e-mail [pedroliesegang@hotmail.com](mailto:pedroliesegang@hotmail.com) ou com o orientador da pesquisa, Professor Dr. Marcelo Camargo Batistuzzo, pelo e-mail [mcbatistuzzo@pucsp.br](mailto:mcbatistuzzo@pucsp.br). O Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – CEP-PUC/SP, também poderá ser consultado caso você tenha alguma consideração ou dúvida sobre os aspectos éticos da pesquisa pelo telefone (11) 3670-8466 ou pelo e-mail [cometica@pucsp.br](mailto:cometica@pucsp.br).

Este termo será assinado em duas vias por você (participante), pelo pesquisador responsável pelo estudo e pelo aluno pesquisador. Uma dessas vias ficará com você e a outra ficará com os pesquisadores.

Declaro que concordo em participar da pesquisa de acordo com as condições acima explicitadas.

---

Assinatura do(a) participante

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido deste entrevistado para a sua participação neste estudo.

---

Assinatura do pesquisador

---

Assinatura do pesquisador responsável

São Paulo, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021

## **Anexo 2 - Roteiro de entrevista**

As entrevistas serão conduzidas de forma semi-diretiva, comportando temas que podem não estar inicialmente previstos pelo entrevistador, mas que vão se revelando na fala do participante e podem suscitar novas perguntas. Sendo assim, este roteiro não se trata de um questionário a ser preenchido, mas sim de um norteador para a entrevista, elencando aspectos importantes que não podem ser deixados de lado.

### **1 - Dados básicos de identificação e mediadores primários**

- Nome
- Idade
- Gênero
- Raça
- Religião
- Estado civil

### **2 - História do entrevistado**

- História familiar: quais são suas origens? É de São Paulo? Se não, como e quando veio?
- Tem família? Se sim, dentro ou fora da rua? Tem contato com ela?
- Há quanto tempo está na rua?
- Como era a vida antes de ir para a rua? O que o levou a ir?
- Considera que está na rua por escolha? Se sim, porque fez/faz essa escolha?

### **3 - A vida na rua**

- Trabalha hoje?
- Considera que mora em algum lugar? Se sim, onde?
- Onde dorme? Onde passa o dia? Onde faz a higiene pessoal? Quais são os ambientes que frequenta?
- Frequenta os mesmos espaços desde que está na rua?
- Por onde passou antes? Porque deixou de frequentar?
- O que o leva a frequentar os espaços que frequenta atualmente e não outros?
- Há conflitos? Quais?
- Há alguma instituição, algum “poder maior” que regule a vida no local?
- Como percebe a presença policial?
- Como percebe o uso de drogas na região?
- Há serviços disponíveis? Quais?
- Quais serviços não estão disponíveis? Sente falta de alguma coisa?
- Como é sua relação com centros de acolhida? Já passou por algum? Se sim, o que achou/acha?

- Acha que algum dos mediadores coletados em 1 (idade, gênero, raça, religião) afeta a condição de sua vida na rua? Como?

#### **4 - O espaço e afetos**

- Há um senso de comunidade nos ambientes que frequenta?
- Com quem convive no dia a dia? Como são essas relações?
- Quais são as atividades de lazer? São coletivas ou individuais?
- Percebe uma história do local? Como ele mudou através do tempo?
- Como sua própria relação com o local mudou ao longo do tempo?
- Acredita que sua presença tenha modificado o lugar de alguma forma? Deixou alguma marca?
- Sente um apego pelo lugar?
- Percebe algum ambiente como “seu”?
- O que acha que dificulta esse vínculo ao lugar? O que o facilita?
- Já precisou sair de algum lugar em que gostaria de ficar (seja por ter sido retirado ou outro motivo)? Como se deu isso?

### Anexo 3 - Transcrição das entrevistas

#### Entrevista 1 - Osório<sup>3</sup>, 53 anos

Entrevista realizada no dia 08/10/2021, às 17h, na Praça da Sé. Participaram da conversa o pesquisador (identificado por P), o entrevistado (O) e uma voluntária (G) que foi a campo auxiliar na realização da coleta de dados.

P: Pronto, estou gravando, tá?

O: Fala mesmo, conta aí.

P: As perguntas são primeiro aquilo que você já respondeu no termo: nome, idade... Isso a gente já tem. Aí eu queria te perguntar algumas coisas da sua vida, de onde o senhor veio.

O: Eu sou natural de São Paulo. Sou paulistano.

P: Da cidade mesmo então?

O: São Paulo capital.

P: E o senhor sempre morou aqui?

O: Aqui na região?

P: Não, aqui em São Paulo.

O: Foi. Desde menino.

P: E era aqui na região mesmo?

O: O que? Onde eu ficava?

P: É.

O: Não. Eu morava na zona norte. Cê sabe que a zona norte é grande, né? Abrange vários bairros. Eu morava na Vila Maria.

P: E quando que o senhor veio pra cá?

O: Eu acho... Ano que vem já vai completar cinco anos. Já tem quatro ano e... Quatro ano e meio, pode botar aí.

P: E porque o senhor veio pra cá?

O: Eu vim pra cá por causa do desemprego. Eu tava trabalhando, aí o trabalho acabou. Aí tava pagando aluguel, tava pagando um quartinho lá no Jardim Brasil, que é na zona norte também. Tava pagando um quartinho com... Era dois cômodo: um quarto e um banheiro. Aí acabou o trampo e aí vou fazer o que? Abandonei foi tudo. Tudo que tinha dentro do quarto. Uma geladeira, dois botijão de gás, um fogão. Abandonei foi tudo e vim pra cá.

P: O senhor morava sozinho?

O: É. Só eu.

P: Com o que o senhor trabalhava?

O: Eu fazia entrega de leite. Não era longa vida não. Aquele Vivaleite, do governo aí. Do governo do estado de São Paulo.

P: E aí quando você saiu de lá...

O: Aí quando acabou o trampo eu não tinha mais como pagar aluguel, eu vim logo direto pra cá. Já vim direto pra cá.

---

<sup>3</sup> Todos os nomes foram alterados para preservar a identidade dos entrevistados.

P: Pra a praça aqui?

O: É. Não. Eu catei um ônibus e desci ali perto do Vale do Anhangabaú. Minha intenção, eu pensava que ali tinha um albergue, né? Aí eu cheguei, eu vi um negócio grandão assim. Tinha uma pessoa. Eu falei “ô por favor, aqui é um albergue?” Ele falou “não, aqui não é albergue não”. Falei “obrigado”. Aí de lá eu já vim pra cá. Não conhecia ninguém. Não conhecia ninguém aqui, ninguém. Aí com o tempo. o passar dos dias fiz amizade com um e com outro, como o outro e com um, entendeu?

Aqui, em situação de rua, a vida é complicada, entendeu? Sabe porque? Você nunca teve essa vivência, né?

P: Não. nunca tive.

O: Então, é complicado. Porque é o seguinte: aqui tem muito ladrão. Muito nóia. Essa mulher mesmo que conversou com a sua namorada aí. É uma nóia, entendeu? Se eu ficar marcando zero hora aqui. ó, se eu colocar minha mochila aqui, tô conversando, tô distraído com você, uma hora passa um aqui, mete a mão na minha mochila e rouba. E aí? Como é que eu vou ficar?

P: Já aconteceu de roubarem coisas suas?

O: Já! Já roubaram umas quatro mochila minha.

P: Nossa.

O: É complicado situação de rua.

P: E o senhor dorme onde aqui?

O: Onde eu durmo? Onde Deus me fornece um lugar bom pra dormir. Eu não durmo em albergue porque eu não gosto de albergue. Albergue eu não curto.

P: Porque não?

O: Você sabe o que é perrequeiro?

P: Não.

O: Perrequeiro é o cara que arruma confusão. Briguinhas, perreco. Perreco é quando tipo a pessoa não tem uma mente sadia, só pensa em briga um com o outro, entendeu? Perreco.

P: E tem muito em albergue?

O: Ô, sim, nossa.

P: O senhor chegou a tentar ficar num albergue então?

O: Quando eu cheguei aqui a primeira vez eu fui lá no albergue lá da zona leste lá, o... Como que era o nome? É longe. É no extremo da zona leste. Não é São Mateus, e nem São Miguel Paulista, é outro lugar. Até esqueci o nome. Me levaram até lá, aí e pra voltar? Pra voltar de lá pra cá? Mó caminhada. Voltei com dois, três trecheiros. Sabe o que é trecheiro?

P: Não.

O: Trecheiro é o cara que sabe o caminho pra voltar a pé. Voltei com três trecheiro, eu e mais três. Nós voltamos na maior caminhada e lá... Tô tentando lembrar o nome do lugar...

P: Aí o senhor saiu de lá... Porque o senhor foi pra lá primeiro?

O: Eu fui pra lá porque na época tava fazendo muito frio, entendeu? Me levaram, mas pra voltar tive que voltar a pé. Voltei com três trecheiro.

P: E você não quis ficar lá porque?

O: Eu não quis ficar porque o ambiente é pesado. O ambiente é negativo.

Outra pessoa que passava pela praça: Opa Iniesta!<sup>4</sup>

O: Boa tarde! Desculpa, eu tava falando... O ambiente é negativo. Menino, o ambiente familiar seu é negativo?

P: Tem seus problemas, mas não diria que é negativo não.

O: Então. Se você ficar num ambiente negativo como é que cê aguenta? Cê vai ficar contaminado com a negatividade dos outros, entendeu?

P: E aqui o senhor acha um ambiente mais positivo do que lá?

O: Aqui... Aqui também não muito positivo não. É mais ou menos. Aqui tem pessoas boas também. Pessoas em situação de rua que têm o coração bom.

Vamos supor: numa escala de 100%, 60% é negativo. 40% é bom, entendeu? Tem pessoas boas aqui em situação de rua, sabia?

P: Imagino.

O: Isso aí é questão de emprego. Se a pessoa tiver um emprego, estiver estabilizado monetariamente, ele vai ter condição de pagar um cantinho pra ele morar. Cê acha que a pessoa escolhe ficar na morando na rua? Passando frio? Chovendo? Fome graças a Deus eu nunca passei porque sempre tem alguém aí fazendo doação de marmita, essas coisas. tem também uns evangélico que as vezes encosta aqui, ó. De manhã bem cedinho encosta com café da manhã, pão com manteiga, pão com mortadela. Quem tá em situação de rua só passa fome quem for mesmo drogado. Que dá muito valor pra droga. Você usa droga?

P: Só bebo, mas bem pouco.

O (para G): E você, usa?

G: Já usei só maconha.

P: E o senhor, usa?

O: Só cachaça e cigarro.

G: É, cigarro eu também na verdade (risos). Cachaça eu também curto.

P: E o senhor trabalhou em algum momento depois que chegou aqui?

O: Se trabalhei fazendo uns bico? Não. Aqui se você pegar um dinheiro, tem que ficar na encolha. Tem que ficar quietinho. Os cara cresce o olho. Cresce o olho e quer te roubar. Aquele que cê pensa que é seu amigo, que tá dia a dia lado a lado tomando uma pinguinha, fumando um cigarrinho, se você aparecer com um dinheiro aqui, mano, se você marcar zero hora, entendeu? Tem uns cara aqui que chapa quando bebe muita cachaça. Aí o cara vai e "pum", rouba você. O que eu já escutei de história sobre isso aí... Aqui não.

P: E o senhor tem família?

O: Tinha. Pai e mãe já faleceu. Tive dois irmãos que já morreram também. Tenho três irmãs, as três tão vivas. Só uma que me ajudou. Eu já perdi o contato com elas. não tenho mais contato com elas não.

P: Entendi.

O: Quando a família não é unida, não tem como fazer a união. Sua família é unida?

---

<sup>4</sup> O nome do jogador de futebol foi alterado para preservar a identidade do entrevistado.

P: Mais ou menos. Meus pais se separaram. Acho que toda família tem uns problemas.

O: É, complicado.

P: O senhor passa o dia todo aqui na praça mesmo ou vai pra outros lugares?

O: Eu vou pra outro lugar. Cê acha que eu vou ficar bitolado só aqui, pô? Lógico que eu ando. Eu vou pra outros lugares também.

P: Pra onde o senhor costuma ir?

O: Às vezes eu vou lá pro Vale do Anhangabaú. Eu dou uns rolê. Eu gosto de ler livro. Eu gosto de envolver minha inteligência. Os cara, a rapaziada aqui fala que sou muito inteligente. Aí eu falo assim “será que eu sou mesmo?”. Aí eu falo assim pra eles: “se eu fosse muito inteligente eu não estaria aqui em situação de rua”. Os cara pensa que eu sou muito inteligente porque eu sei dialogar com a pessoa. Eu não sou de falar muito palavrão. Agora conversa com outras pessoas aqui pra cê ver que o cara vai soltar uma pá de palavrão no seu ouvido aí, entendeu? Não é que eu seja muito inteligente. Eu tenho uma inteligência desenvolvida. Não sou analfabeto, sei ler e escrever. As pessoas aqui que não sabem nem ler nem escrever.

Compreende o que eu estou falando?

P: Sim, sim. Deixa eu dar uma olhada no meu roteiro aqui, que a gente já passou por bastante coisa. Porque que o senhor fica aqui nessa praça e não em outro lugar?

O: E porque que eu procuraria outro lugar pra ficar?

P: Não sei, tô perguntando ao senhor.

O: Justamente. A sua resposta, eu respondo a mesma coisa pra você: não sei.

G: Mas tem alguma coisa que você gosta daqui?

O: Não é questão de gostar. Não é questão de gostar ou não gostar. É a necessidade. Aqui é um lugar relativamente bom. Não é o paraíso.

G: Mas é melhor em comparação com outros lugares.

O: Claro que sim. Como é que eu vou em outro lugar que eu não conheço ninguém? Aqui eu já tenho um conhecimento. Cê não viu que o coroca me chamou aqui? Meu apelido aqui é Iniesta.

P: Iniesta?

O: Iniesta. Cê já ouviu falar no Iniesta?

P: O jogador de futebol, né?

O: Jogou no Real Madrid, depois virou técnico. Então, meu apelido é Iniesta. (Risos)

P: De onde veio esse apelido? Você joga futebol também?

O: Um pouquinho, um pouquinho. Mas quem me batizou de Iniesta já morreu. Ele ficava debaixo dessa aroeira aí. Sabe esse pé de árvore aí? Isso é aroeira. É cicatrizante. Ele tinha uma maloca aqui debaixo dessa árvore. Essa árvore hoje é maior.

P: Essa aqui?

O: Essa primeira aqui, ó. aqui tinha uma maloca. Encostava mulher e homem ali. Aí era um cara... Ele era do Paraná. Aí ele me viu pela primeira vez assim e falou “ô, você parece muito sabe com quem?” eu falei: “com quem?” “Com Iniesta” (risos) Aí eu falei “é mesmo, é?”. Ele foi lá e perguntou pra mim: “cê é jogador de futebol?” Eu

falei: eu não. Se eu fosse jogador de futebol cê acha que eu estaria em situação de rua, pô?”.

Ele era legal, ele gostava de cantar essa música assim, ó: “eu queria ter você no meu caminho/Acordar e não sentir que estou sozinho/Neste quarto”. Ele era tipo um cantor. Tinha um vozeirão. Aí pegou esse apelido. São poucas as pessoas aqui que sabem meu nome. São poucas. Acho que não chega nem a quatro pessoas.

P: E como é o convívio com o resto das pessoas aqui? Vocês são próximos? Tem uma comunidade?

O: Não. O convívio é difícil. Eu não fico em maloca. Cê sabe o que é maloca?

P: Isso eu sei.

O: Eu não fico em maloca. Sou mais de dormir sozinho. É que nem você... Um exemplo. É que você não sabe, não tem a vivência de morar em rua.

P: Não tenho.

O: É que nem assim, um exemplo: eu não vivo em comunidade porque é o seguinte: eu sou mais de ficar sozinho. A mesma coisa se eu encostar ali num albergue. Não conheço ninguém lá. No albergue sempre tem uns baquitério, uns folgadinho que pensa que é malandro. Não é coisa de nada, entendeu? Se enche, se acha. ‘Sou malandro, eu vou matar você’ as conversa dos cara. Aí eu já prefiro dormir sozinho. Durmo sozinho, entendeu?

P: E como é a presença da polícia aqui?

O: Polícia? Um exemplo: aqui tem de tudo um pouco. A polícia sabe quem é quem aqui. Sabe quem é vendedor de pinga, quem é traficante, quem é isso e aquilo. Eu não sei a mentalidade da polícia, não posso falar pela polícia. Só falo por mim. Só bebo uma pinga e fumo um cigarro.

P: Mas você acha que eles melhoram, pioram a situação?

O: Lógico que piora. Se tem a feira do rolo aqui, pô? Sabe o que é a feira do rolo?

P: Não, não conheço.

O: Rapaz, cê não sabe de nada! (risos). Você é de onde, de que cidade você é?

P: Pior que sou daqui de São Paulo mesmo (risos). Mas justamente por isso que tô te entrevistando. Pra aprender.

O: Mas você vai aprender logo com morador de rua? Se você tá fazendo a faculdade da PUC?

P: Mas tô aprendendo um monte de coisa com o senhor.

O: Quem te escalou pra fazer essa pesquisa aí.

P: Na verdade fui eu que escolhi.

O: É, e porquê?

P: Justamente porque eu não sei. Achei que era um tema importante. Que era importante ver o que pessoas em situação de rua tem pra dizer sobre o lugar em que elas moram.

O: Aqui tem muita injustiça também. Sabe o que é injustiça? Esse atual presidente também, mó pilantra esse tal de bolsonaro.

G: Concordo.

O: Você votou nele?

P: Eu não, de jeito nenhum! Sou totalmente contra.

O: Como é que ele foi eleito presidente, pô?

P: Pois é cara, alguém votou.

O: Alguém votou não. Isso aí deve ter sido uma fraude eleitoral. Eu mesmo não votei nele.

P: Mas voltando à questão aqui da Praça, tem alguma coisa que você sinta falta? Algum serviço?

O: É lógico que eu sinto falta de um trampo. Mas se eu quiser... É que eu tô muito acomodado aqui. Tô muito acomodado. Mas se eu quiser chegar num local que tenha assistente social, ela me ajuda. É que eu tô acomodado demais. Sabe o que é acomodação que tá me incomodando muito?

P: O que?

O: É beber muita pinga todo dia. Hoje mesmo, hoje de manhã. Que dia é hoje? Sexta ou quinta?

P: Hoje é sexta.

O: Amanhã é sábado. Hoje eu acordei, logo de manhã já apareceu um conhecido e falou assim pra mim: “e aí Iniesta, quer beber uma?” Aí eu falei assim: “cê tem aí?” “Tenho”. “Então vamo beber”. Aí o cara fica bebendo e fica um pouco chapado, né? Eu não sei qual é a bebida que você bebe. Se é cerveja, se é um litro de 51, se é Ypióca, se é whisky...

P: Já experimentei algumas coisas, mas normalmente prefiro cerveja.

O: Então. A vida de cada um é feita de escolhas. Tem dois caminhos: o bem e o mal. Qual é seu caminho?

P: Eu diria que tento ficar no do bem.

O: Como?

P: Do bem.

O: Mas você acabou de falar “eu tento”. Você é muito tentado, é?

P: Acho que todo mundo, né?

O: É. Então você concorda comigo que nesse planeta aqui jaz o Maligno.

P: Concordo que tem muita coisa ruim.

O: Calma aí. Você sabe quem é o Maligno?

P: O demônio?

O: Não é o demônio. É Satanás. Lúcifer. Você sabe me dizer qual é o significado da palavra Lúcifer?

P: É alguma coisa relacionada à luz, não é?

O: Portador da luz. Ele foi criado por Deus, pô. Lúcifer quer dizer o que? Portador da luz. Por isso que ele se transforma. Às vezes ele até vira um anjo de luz, mas é tudo mentira. Porque ele nunca se firmou na verdade. Tá tudo na bíblia. Cê já leu um pouquinho da bíblia?

P: Já li trechos.

O: Então.

P: O senhor é religioso?

O: Religioso? O que quer dizer religião pra você? Frequentar uma igreja?

P: Não necessariamente. Ter uma crença. Um contato com a espiritualidade.

O: Eu acredito em Deus. Todo poderoso. Criador do céu e da terra e de tudo que existe.

G: Você é cristão também?

O: O que vem a ser uma pessoa cristã?

G: Que acredita em Jesus.

O: Claro. Se ele é o filho de Deus, ele é o caminho, a verdade e a vida? Como é que eu não vou acreditar nele?

P: E deixa eu te perguntar: aqui você faz alguma coisa pra lazer? Pra se divertir?

O: Pra lazer? Não. Não.

P: E você acha que a sua relação aqui com a Praça mudou desde que você chegou aqui?

O: Em relação a que?

P: A tudo. A como você pensa da Praça, como enxerga ela.

O: Aqui foi uma vivência. Foi tipo assim: antes eu vivia em quatro paredes. Agora nem quatro paredes eu tenho. Quando chove eu encosto debaixo de uma marquise pra não ficar todo molhado. Lógico que mudou. Claro que teve uma mudança. É óbvio isso aí. Óbvio.

P: Mas como mudou com a praça especificamente? Dos primeiros anos, o primeiro ano que você tava aqui pra hoje?

O: Foi mudando gradativamente porque eu não conhecia ninguém. Eu nem sabia onde que era... Cê sabe o que é boca de rango?

P: Sei.

O: Então eu nem sabia onde que era a boca de rango. Aí o primeiro dia beleza, eu tava com dinheiro. Aí pude comer num restaurante, né. Aí no terceiro dia o dinheiro já acabou e o que aconteceu? Eu me apeguei com Deus. "Ô meu Deus, me ajuda. Não deixa eu passar fome". Aí o que aconteceu? Eu sentei lá na catedral, lá na escadaria ali, ó. Aí chegou um rapaz não sei da onde, sentou do meu lado e começou a conversar comigo. Aí eu falei assim pra ele: "aí maninho. Desculpa aí eu falar pra você, eu nem conheço você direito, mas tô com mó fome. Tem praticamente um dia e meio que eu não como quase nada." Aí ele falou: "vamo lá no Chá do Padre. Ele falou isso pra mim. Eu falei "o que? Chá do Padre? Não quero saber de chá não. Quero comer uma comida." Ele falou: "mas ali tem doação de alimentação, ali. Te levo lá". Eu nem sabia onde era. Era ali na Rua Riacho... Uma decidinha assim. Aí eu fui lá e comi com força, uma comida boa. Pra cê ver: se você tiver uma mentalidade mais pra cima do que pra esse mundo aqui, a vida flui pra você e para mim que estou em situação de rua. Não sei você, que é praticamente formado em psicologia. É ou não é?

P: Tô quase.

O: Mas porque quase? Cê não vai chegar até o fim não?

P: Vou! Vou chegar.

O: E o que que tá faltando pra chegar até o final?

P: Justamente esta pesquisa. É meu trabalho de conclusão de curso. (risos)

O: Mas você vai ser especializado em que?

P: Eu não vou ter uma especialização ainda, mas me interessa principalmente por clínica.

O: Clínica médica?

P: Não, clínica psicológica. Fazer terapia.

O: Vai ser um terapeuta.

P: Isso.

O: Entendi. Eu desejo uma boa sorte pra você.

P: Obrigado! E deixa eu te perguntar. Você acha que você estando aqui mudou o lugar de alguma forma?

O: Não. Não mudou coisa de nada. Quem sou eu pra chegar num local e mudar o ambiente?

P: E o senhor sente algum apego pelo lugar?

O: Apego sobre o que?

P: O lugar, as pessoas daqui, mesmo a Praça física mesmo.

O: Eu não tenho apego nem... Olha vou te falar a realidade. Eu não tenho apego material nem por pessoa nenhuma aqui não. Posso fazer uma amizade, né. Toda vez que eu acordo falo bom dia. Mesmo pro pessoal que eu não conheço eu falo bom dia. Mas não apego por coisas materiais nem por pessoas não. É muito difícil. Só se a pessoa tocar no meu coração mesmo.

P: Bom, acho que é isso das perguntas que eu tinha fazer. Tem alguma coisa que o senhor queira acrescentar.

O: Não tenho nada não. Praticamente tudo que você me perguntou, tá tudo aí. Tá gravado.

P: Bom, então muito obrigado!

O: Nada! Vá com Deus. Você é muito educado.

G: Você quer um cigarro?

O: Se tiver, eu aceito sim.

**Entrevista 2 - Milton, 24 anos**

Entrevista realizada no dia 10/10/2021, às 14h30, na Praça da Sé. Participaram da conversa o pesquisador (identificado por P), o entrevistado (M) e uma voluntária (G) que foi a campo auxiliar na realização da coleta de dados.

P: Tô gravando, tá?

M: Tá bom. Pode começar.

P: Há quanto tempo você está aqui?

M: Três ano, mas eu frequento aqui desde os 10 anos de idade. Tem mais de quinze anos já.

P: E antes de vir pra cá você já morava na rua?

M: Não. Morava com a minha mãe.

P: E quando você veio?

M: Parar aqui?

P: É.

M: Por causa da cola. Eu comecei a baforar cola lá na zona norte com meus amigo, aí depois tinha um que era aqui do centro e ele me trouxe pra cá. Nunca mais saí. Só vou lá visitar a minha família e volto pra cá.

P: Entendi. E você gosta de morar aqui?

M: Gosto.

P: Do que você gosta aqui?

M: Ah, porque aqui tem tudo que eu quero. Trabalho aqui no cassino de vez em nunca e... Eu gosto da rua mesmo compadre.

P: Você prefere a morar numa casa?

M: Não, não. Gosto da rua. Não quero saber de casa não. Minha mãe tem duas casa lá na zona norte, mas eu não quero não. Eles já veio buscar eu duas vezes aqui, mas eu só vou lá mesmo pra visitar ela e volto pra cá.

P: Entendi.

P: E você é daqui de São Paulo mesmo?

M: Sou. Lá da zona norte.

P: E você tem bastante contato com a sua família então?

M: Tenho. Toda vez, uma vez na semana eu vou lá ver minha mãe.

P: E você disse que veio pra a rua quando começou a usar cola, né?

M: Foi.

P: E você já veio direto pra cá?

M: Não. Eu comecei a usar lá na zona norte. Aí depois acabou a cola. Tinha um moleque, que morreu já, que baforava com nós aqui na praça. Ele me chamou pra vir pra cá e eu vim com ele. Aí de lá pra cá nunca mais saí. Já tem quinze anos que eu tô aqui na praça. Na verdade tem três anos que eu tô aqui direto, porque eu fiquei dois anos na cadeia. Tem três anos que eu tô suave.

P: Você se importaria de falar porque ou prefere não falar sobre isso?

M: Porque o que?

P: Porque você foi pra a cadeia.

M: Porque eu tava roubando aqui na praça. Fui inventar de roubar. Fui preso e fiquei dois anos na prisão.

P: E você disse que trabalha no cassino?

M: É, eu trabalho aqui, ó. Na verdade eu não trabalho, eu ajudo aqui meu parceiro. Monto, pá... Faço os corre de comprar um baralho pra eles...

G: São aqueles homens ali?

M: Não, aquilo ali já é o bozó. Eu trabalho com baralho. Eles tão jogando lá na praça. Daqui a pouco eles vão vir pra cá. Ele me ajuda e eu ajudo ele.

P: E você dorme onde?

M: Eu durmo numa barraca ali atrás. Ali perto da cracolândia que tem ali.

P: Sozinho?

M: Sozinho. Eu e Deus.

P: E onde você costuma frequentar durante o dia?

M: Eu fico aqui no cassino, cara, aqui na Sé mesmo. Aí eu vejo umas doação ali, eu vou lá e pego, como... Quando eu não tô aqui eu tô lá na cracolândia, lá na casa do meu tio. Eu tenho um tio que ele ficou vinte anos preso e ele hoje mora lá.

P: Você ainda faz uso da cola?

M: Não. Agora eu só baforo e cheiro. Cola eu não baforo mais não.

P: E porque você fica aí na praça? Porque você acha melhor do que outros lugares?

M: Não sei, porque eu gosto daqui mesmo. Já virou minha casa já. É o quintal de casa. Não sei há quanto tempo que moro aqui e daqui eu não consigo sair. Fui uma vez, em 2015, lá pra a Bahia, que minha mãe é de lá. Ela me chamou pra ir lá e eu fui fazer uma visita lá pro meus avô e pro meu pai. Fui lá, fiquei um ano, não gostei e voltei pra cá de novo.

P: Legal isso. Essa pesquisa que eu tô fazendo é justamente sobre essa parte afetiva, emocional do contato com o espaço.

M: É, é minha casa aqui.

P: Tem algum lugar aqui que você goste mais, que você se identifique aqui na praça?

M: Aqui o cassino. Eu sou viciado em baralho. Antes eu era viciado em outras coisas: em droga, em roubar, fazer uns bagulho. Hoje em dia já é o contrário. Sou viciado em baralho.

P: E você tem muito contato com o pessoal daqui?

M: Tenho.

P: Como é isso?

M: Ah o dia a dia aqui tem muitas briga, tem uns que precisa mesmo, tem uns que morre aí na praça aí porque vacila, uns que morre baforando, uns que morre com a imunidade muito fraca na madrugada, que não acorda. Acontece várias ficha, diversas ficha, várias coisas aqui, pá.

P: Nossa.

M: É o dia a dia, né pá? Até eu, se moscar eu morro, se ficar ligadão na droga que nem eu era.

P: Você acha que tem alguém que regula a vida aqui? Seja os próprios moradores, a polícia, como é isso?

M: A polícia regula. Não deixa... Põe disciplina aí na praça a polícia. Sobe e desce, fica cercando os morador de rua, os ladrão, os traficante, todo mundo.

P: E o que você acha disso?

M: Como assim?

P: Você acha boa essa presença da polícia?

M: É, por uma parte é bom, acho bom.

P: Mas pela outra parte?

M: É ruim né pá! (risos)

P: Você sente falta de alguma coisa aqui?

M: Ah, até um tempo atrás eu sentia falta da família. Hoje em dia não sinto falta mais de nada. Mais nada. O que eu quero tá aqui.

G: Eita, tá caindo uns pingão aqui.

M: Tá, é por causa da árvore aí.

P: Você é solteiro?

M: Sou.

P: Mas de algum serviço você sente falta? Seja pra comer, pra...

M: Meu pai, eu sinto falta mesmo é do meu filho, que morreu.

P: Nossa, sinto muito.

M: Ah fica em paz, cara. Ficou brisando correndo atrás de pipa lá onde a mãe dele morava, o caminhão passou por cima. É só disso que eu sinto falta.

G: Nossa, que tragédia.

P: Quantos anos ele tinha?

M: Três.

P: Quando foi isso?

M: 2019. Eu tava preso. Preso não, eu tava lá na Bahia. Ou na Bahia não. Tava aqui na Sé. Aí eu fui lá, trombei com o caminhoneiro. Eu já fui lá pra matar ele mesmo, mas mudei de ideia. Trombei em ninguém. Eu fui lá velar meu filho. Ficou todo destruído. Mas suave, meu. Vida que segue. É que nem você falou "do que que você sente falta?". Só dele.

P: Sinto muito mesmo.

M: Suave, pá. Continua a entrevista aí.

P: Você já passou por algum abrigo?

M: Já.

P: Como foi?

M: Ah, eles me deram apoio, me ajudaram. Me deram a atenção que eu precisava. Lá na Esquadrão Vila. Lá perto da Luz. Fiquei lá dois meses. Depois saí.

P: Porque você decidiu sair?

M: Ah porque eu queria fumar maconha, né pá! (risos) Usar droga, E lá não podia. Lá era casa de evangélico. Lá era pras pessoa que realmente queria se recuperar. Eu não queria.

P: Era um lugar pra usuários de drogas?

M: Isso mesmo. Só tinha dependente químico.

P: Entendi. E porque você tinha decidido ir pra lá antes?

M: Porque eu tava usando droga e tava passando mal. Eu tava zoadado. Uns três, quatro dias não conseguia nem levantar da cama. Aí eu fui lá fiquei um mês... Um mês e vinte dias. Aí eu saí bom de lá. Parei também de tomar corote, pinga, esses bagulho. Isso tava me arrastando.

P: Você acha que tem um senso de comunidade aqui entre os moradores?

M: Bem pouco, mas tem.

P: Como é?

M: Ah, tem uns que respeita, tem vários que não respeita porra nenhuma, que quer mesmo que se foda. Mas no dia a dia aí você vai ver... Você não vai ver, né, mas eu vejo vários tirão, mas tem uns cara bom aí, pá. Tem umas pessoas que ajuda. Tem o tio Raimundo<sup>5</sup> ali que dá o maior apoio pra a praça aí.

P: Quem?

M: Tio Raimundo. Aquele velho que tá lá de verde. Aquele velho lá do outro lado da praça lá, que acabou de entrar na barraca. Ele dá o maior apoio pra nós aí.

P: Ele mora aqui também?

M: Mora.

P: E ele faz o que?

M: Ele mora naquela barraca lá. Ele ajuda nós em várias fita, cara.

P: Você acha que a sua relação aqui com a praça mudou ao longo do tempo?

M: Mudou.

P: Como?

M: Mudou porque antes eu era mais de boa. Agora sei lá. Só quero saber de rua, rua rua! Até os dezessete anos eu ainda ia pra casa, ficava três, quatro mês. Depois fiquei de maior, fui pra a cadeia, saí, não quero nem mais saber da minha casa. Não quero saber mais de nada. Não quero saber mais de nada da vida. Mudou muita coisa essa praça aqui na minha vida, hein parceiro.

P: E você acha que desde que você veio pra cá a praça em si mudou também?

M: Mudou, cara. Quando eu cheguei aqui era mais suave. Hoje em dia é muito ladrão, muito traficante, muito malandrão. Se você moscar aqui você deita, pá.

P: Isso piorou?

M: Piorou, piorou bastante.

P: E você acha que você fez alguma mudança aqui?

M: Eu não fiz mudança nenhuma, rapaz. Eu mesmo não fiz nada. Não ponho minha mão em nada.

P: E você tem algum apego aqui pela praça?

M: Tenho.

P: E tem algum lugar que você considera seu?

M: Tem a barraca ali atrás da tenda. Só.

P: Acho que é isso então Milton. Muito obrigado.

M: Brigado eu.

P: Quer acrescentar alguma coisa?

M: Tô suave.

---

<sup>5</sup> Nome alterado.

**Entrevista 3 - Rebeca, 33 anos**

Entrevista realizada no dia 10/10/2021, às 15h30, na Praça da Sé. Participaram da conversa o pesquisador (identificado por P), a entrevistada (R) e uma voluntária (G) que foi a campo auxiliar na realização da coleta de dados.

G: Tô gravando a voz, tá?

R: Sim.

P: Gênero é feminino, né?

R: Lógico (risos).

R, se dirigindo a um homem que olhava seu cachorro: Ó filho, já dá licença daí, filho!

R: Se mexer com meus cachorro eles vai ver, né?

G: Eles te protegem?

R: Ó...

P: Você tem um telefone pra contato?

R: Tenho, mas eu não vou dar meu número não.

P: Sem problema, você que sabe. Você poderia assinar aqui no final do termo por favor?

R: Tenho que assinar mesmo?

P: Pra eu poder te entrevistar, preciso comprovar que você topou participar. Se não, não posso incluir nossa conversa na pesquisa.

R: Então dá aqui.

P: Obrigado, podemos começar então. Você tem religião?

R: Eu sou... Acredito em Jesus. Mais nada.

P: Você é casada?

R: Não. Solteira.

P: E você é daqui de São Paulo mesmo?

R: Não. Sou goiana.

P: Goiana?

R: Filha de baiano com goianos, Quer dizer, filha de baianos, mas nascida em Goiás.

P: Você veio pra cá quando? Pra São Paulo.

R: Já tem uns... uns doze anos, eu acho.

P: Porque você veio pra cá?

R, para um homem que passava: Não filho! Não mexe com os cachorros não, pelo amor de Deus! Os cachorro agora vão começar a latir.

R: Desculpa, qual foi a pergunta?

P: Porque você veio pra cá?

R: Eu moro sozinha desde os 12 anos de idade. Não tenho família não. Tenho família de sangue, mas não tenho parentesco assim. Minha família é só minha irmã que mora comigo aqui, que é irmã de rua também. E os meus cachorro né (risos)

G: São uma família, lógico.

P: E porque você saiu de Goiás e veio pra cá?

R: Porque lá não dava certo pra mim não. Lá é muito preconceito, família me discriminando, essa coisa toda.

P: Em questões relacionadas ao seu gênero?

R: É. Eu não converso com a minha família já tem... Desde os doze anos não converso com eles.

G: Que foi quando você se assumiu?

R: Não, eles nem sabem como é que eu sou. Eles nunca me viu assim. Na mente deles eles me veem uma pessoa, mas não é essa pessoa aqui. Eles nunca viu realmente quem eu sou. É uó. Eu, como tive a atitude verdadeiramente só, não foi muito fácil pra mim não. Foi complicado. Tô correndo atrás, né?

P: Aí quando você veio aqui pra São Paulo já foi direto pra a rua ou passou por algum lugar antes?

R: Sim, direto pra a rua mesmo.

P: Aqui na praça já ou em outro lugar?

R: Na praça. Mas eu não fiquei só aqui. Eu sempre viajo , mas sempre volto. Sempre volto.

P: Você vai pra onde?

R: Eu vou pro Rio de Janeiro... Já fui três vezes pro Rio de Janeiro. Belo Horizonte... Eu viajo muito a pé. Eu vou daqui ao Rio de Janeiro a pé, daqui a Belo Horizonte a pé.

P: Nossa!

R: Essa cachorra aqui, a Vaquinha, eu trouxe ela de Belo Horizonte. Peguei ela lá e trouxe ela pra cá. Ela era desse tamanhinho assim. Ela veio a pé comigo de lá aqui.

G: Meu Deus.

R: Belo Horizonte aqui a pé. Isso tem uns oito meses, acho.

P: Você passa um tempo lá ou só visita?

R: Não, quando me dá uma doidura eu vou pra qualquer lugar (risos).

P: Você considera que mora aqui na rua por escolha?

R: Sim.

P: E porque você faz essa escolha?

R: Porque eu gosto. Eu vou contar pra vocês um negócio pra resumir o assunto, bem babadinho. É que eu sou muito ligeira com os babados, eu gosto de falar.

P: (Risos)

R: Eu fui gerente nas Lojas Americanas, fui call center na Oi, na Claro, na Vivo... Trabalhei de gerente do Pão de Açúcar, gerente de estoque da Carrefour. E eu vivo assim porque eu gosto.

P: E do que você gosta em viver assim?

R: Ninguém mandar em mim. Não sou... Não sou autoridade, não sou de ninguém. Eu sou um ser humano. Quando Jesus veio na Terra ninguém mandava nele, não é verdade?

P: Até tentaram, né?

R: Ele veio santo... Não tô falando que eu sou santa. Lógico que não sou. Mas ele veio santo e morreu santo, não é? E ninguém colocou a mão nele, até quando matou, não foi? Alguém mandou ele trabalhar? Na bíblia não fala não. Eu sigo os passos.

P: Você trabalha hoje?

R: Trabalho, lógico. Como é que eu vou comer? (risos)

P: Com o que?

R: Ah, eu faço meus corres. Várias coisas. Vendo alguma coisa... Sou vendedora ambulante, pode falar assim.

P: E você dorme aqui nessa...

R: Sim. Isso aqui é minha casa. Minha mansão.

P: Sozinha?

R: Eu e meus cachorro.

P: E a sua irmã, que você comentou?

R: Tá na casa dela, ali. Essa aqui.

G: É sua vizinha também.

R: É. É uma trans também. Mora ela e meu cunhado.

P: E você passa o dia por onde normalmente?

R: Eu passo geralmente andando. Quase cê não me encontra por aqui, quase não fico por aqui. Mas eu fico sempre cuidando dos cachorro. Sempre tô andando, que os meus cachorro... Temos mais cachorros lá pra cima e tem aqui. Aí fico sempre dando apoio a todos.

P: Aí você volta pra cá sempre pra dormir?

R: Sim.

R, para um dos cachorros: Vaquinha! Aqui! Pega sua bola aqui, ó!

P: Desde que você veio aqui pra rua você frequenta os mesmos espaços ou mudou?

R: Em que sentido você tá falando?

P: Dos lugares que você fica durante o dia, por onde circula...

R: Não, sempre por aqui. Sempre por aqui mesmo.

P: E porque você escolhe morar aqui e não em outro lugar em São Paulo?

R: Na verdade não é escolha. É opção. Vou falar a verdade pra vocês. As pessoas que vivem em um quadrado não sabem realmente qual que é a noção do mundo. A noção do mundo é isso aqui, ó. Essa é a visão verdadeiramente, essa é a visão. É pessoas moradoras de rua, é pessoas passando necessidade. Não é a pessoa comendo um caviar dentro de um quadradinho desse lá em cima, que lá em cima só vê nós aqui comendo uma doação, tá ligado? Então essa é a nossa realidade. É a realidade do mundo, da vida. Não é ficar trancado dentro de uma casa com uma máscara, até com o óculos embaçando com a máscara assoprando, como você tá. Não. É essa a realidade, é essa aqui.

P: Mas porque você fica aqui na Sé e não em outro lugar?

R: Porque aqui é... Acho que aqui é um... É onde começou praticamente... O mundo começou praticamente aqui. Neste lugar aqui. É o marco zero. Antigamente essas rua ali era rio. A 23 era um rio, a outra aqui era rio, a outra ali era rio. E o povo foi humanizando de certa forma assim, que acabou o mundo virando hominizado. Mataram vários índios, vários negros...E foi. Como eu sou parda, então nasci já de coisa assim, sabe? Hoje nós somos esses vários tipos de pessoas. Mas eu acho que aqui cada um tem uma mente, né? Eu acho não. Certeza. Mas eu penso ainda... Não de morar o resto da minha vida aqui. Lógico que não, que eu não sou nenhuma idiota, né. Morar o resto da minha vida numa barraca?

G: Então você pretende sair daqui?

R: Se eu quisesse sair daqui hoje, eu sairia. Pra minha família. Mas eu chegar lá com preconceito sobre minha pessoa, também eu não vou. Já sinto preconceito demais por vocês. Falo vocês não vocês dois, mas por causa que é todos. Não é?

P: Sim.

R: Tô generalizando. Tô falando todos. Então essa é a verdade. Se eu já sinto preconceito pelas pessoas de fora, imagina pela minha família. Eu vou ficar aguentando isso dentro de casa? Não aguento. Então melhor ficar mesmo sozinha.

P: Mas aí você pensa em um dia sair daqui?

R: Lógico! Como todo mundo pensa. Cê acha que é bom ficar debaixo de chuva? Não é bom. Se chover aqui agora vou ter que ir correndo tapar a barraca, botar o plástico, lona, entendeu?

P: Tem muitos conflitos aqui?

R: Sempre tem, mas eu não me movo com isso não. Comigo nunca teve. Cada um no seu quadrado, né? Cada um faz o que achar melhor. Eu sempre tô na minha. Eu mais minha irmã, nós tá sempre *relax*.

P: Consegue se separar.

R: Lógico. Cada um com a sua vida. Cada um no seu quadrado.

P: E com a polícia? Como é a presença da polícia aqui?

R: Ótima! Nunca mexeu com nós, graças a Deus. Com nós aqui não. Graças a Deus que não tem nada de mexer. Ia fazer o que?

G: Não tá fazendo nada de errado, né?

P: Você sente falta de alguma coisa aqui?

R: Às vezes eu sinto falta da minha família. Às vezes. Assim, bem às vezes mesmo. Mas já pego outra amizade como outra pessoa, nós se envolve e acaba passando o babado.

P: E de serviços, você sente falta de alguma coisa?

R: Não. Nenhuma.

P: E com as outras pessoas aqui da praça, como é a sua relação? Tem um senso de comunidade?

R: Não, é bem... Inclusive até eu tive um acidente alguns anos atrás. Eu uso prótese na boca. Aí eu até ganhei um babadinho ali, mas eu perdi o dia de ir lá. Era dia 5 e eu acabei não indo não. Amanhã vou ter que ir lá remarcar, colocar uma prótese verdadeira mesmo. É bem. Suave.

P: Mas a relação do pessoal daqui...

R: Maravilhosamente! Nunca tive atrito. Eu vejo aí, mas não é comigo. Até não chegar em mim vai é bem. (*risos*)

P: O pessoal se apoia ou é mais cada um por si?

R: Cada um é cada um. Ninguém se envolve com a vida de ninguém aqui não.

P: E o que você faz de lazer?

R: Cuidar dos meus cachorro (*risos*).

G: É divertido, né?

R: Ô! Ocupa.

P: Você acha que a praça aqui mudou desde que você chegou?

R: Mudou muito.

P: Como?

R: Hoje não é mais aquela praça de quando eu cheguei aqui não. Hoje mudou muito. Hoje é um novo mundo, né? Hoje já tá começando 5G... Hoje é uma nova era. Na verdade hoje não tem... Vou te falar a verdade: hoje gente não é gente mais. Antigamente existia gente. Pessoas que tinha uma noção pra pensar no próximo, pra ajudar o próximo. Hoje não tem mais isso. Hoje é cada um por si e Deus por todos.

G: Então você acha que antigamente tinha mais um senso de comunidade e hoje em dia não tem mais isso?

R: Lógico! Eu sou dos anos 90, eu sou do tempo da lenta, música lenta, sabe? Matinê. Acho que vocês nem sabem o que que é isso.

G: Ah eu frequentei matinê.

R: Então eu sou desse tempo, então eu tive uma vida maravilhosamente boa. Meu pai era tocador de sanfona e de violão, minha mãe tocava guitarra...

G: Família de músicos.

R: Minha família é de músicos. Meu sobrinho é cantor evangélico, gospel. Minha sobrinha também.

P: Você também faz música?

R: Não, eu sou desenhista. Eu faço caricatura.

G: Você vende caricatura também?

R: Não, não mexo com isso não, só faço. Tem muitos anos que eu não mexo com isso mais.

G: Entendi.

P: Mas e na praça em si? Como você acha que essas mudanças no mundo afetaram a vida aqui?

R: Afetaram que todo mundo ficou burro. Depois dessa injeção de coronavírus todo mundo ficou besta. Se as pessoas... Se eu tenho 34 anos - vou fazer agora, dia 24 - nunca tive nem um sarampo, nunca tive uma gripe, nunca tive nada. Depois de 34 anos, depois de velha, depois de titia eu vou tomar uma injeção porque você tá mandando eu tomar injeção? Se eu nem sei qual é o vírus... Eu sei o vírus da injeção, mas tem muitas pessoas burras que só fala assim: "toma! Aplica! Toma!". No outro dia tá doente, morrendo.

P: Você não tomou então?

R: Lógico, e nem vou tomar! Nunca na minha vida. Essa injeção aí foi feita duma... Tá gravando?

P: Tá, mas se você quiser posso parar nesse pedaço.

R: Não pode deixar. Foi feito do DNA de macaco. Eu sou muito cristã. Na bíblia fala assim, não sei se é Ezequiel ou se é Isaías. Acho que é Isaías. Fala assim: "quem vai pro céu é realmente quem for 100% gente". Eu não tenho HIV, eu não tenho uma sífilis, eu não tenho nada. Nunca tive, graças a Deus. Eu te mostro o exame. Tem um monte de exame que eu fiz. Todo mês eu faço. Então se eu não tenho nenhuma doença até hoje, porque vou tomar uma vacina que o povo tá mandando eu tomar, sendo que foi Bill Gates que inventou essa injeção. Que que ele tem de inteligência

de biomedicina? Medicina? Nada. Infelizmente ele só inventou o computador. Ele inventou o computador. Ele sabe o que de medicina? Nada. Porra nenhuma. Agora a coisa que ele inventou - pode puxar na internet que eu te provo, não tô falando patifaria não - se vocês estudarem realmente... Não vai deixando qualquer pessoa aplicando coisa em vocês não. Uma hora vai cair até o braço! (*risos*)

P: Você acha que você mudou de alguma forma aqui...

R: Mudei.

P: ... o lugar?

R: Aqui? Assim, aqui nesse lugar devo ter mudado até um caráter. Um caráter meu que acho que eu não teria quando era mais... Quando eu trabalhava em lojas. Eu me achava muito. Eu era uma pessoa muito arrogante. Eu tinha carro, eu tinha moto, eu tinha apartamento lá em Goiânia. Quer dizer, eu tenho ainda, mas tá alugado. Então eu era uma pessoa arrogante, eu não gostava de morador de rua... Não é que eu não gostava, mas não era de me envolver. E como te falei várias vezes, aqui se faz, aqui se paga. Eu tô bem aqui hoje. Morando igual um dia eu discriminei a pessoa, entendeu?

P: E você acha que a praça mudou...

R: Mudou minha vida pra melhor. Hoje eu penso como gente. Eu não sou nenhum vegetal. Hoje eu sou gente.

P: Você tá falando que estar aqui na praça te transformou.

R: Me transformou num ser humano.

P: Mas você acha que você, estando aqui, transformou a praça também?

R: Talvez sim, de certa forma. Não sei qual forma, mas muitas pessoas vêm pedir opinião pra mim. Minha irmã é psicóloga. Ela tem dois ENEM. Só que ela não gosta de ficar... É igual eu também. Minha irmã já trabalhou no Sírío-Libanês, então... É uma coisa assim, babado, né? Minha irmã é da biomedicina. Ela tá bem aqui debaixo. Tá lá dormindo.

P: Você sente um apego aqui pelo lugar?

R: Não. Por lugar nenhum. Onde eu chego é só chegar, ficar, pegar, ir embora e cabou. Só isso. Não me apego a lugar nenhum.

P: E tem algum ambiente que você considera que é seu?

R: Não, não tem. Eu já imaginei que eu teria uma vez, quando eu era mais criança. Mas hoje eu não tenho não. Nem apego, nada.

P: Você já precisou sair de algum lugar em que gostaria de ficar, mas precisou sair por outro motivo?

R: Não. Só da minha casa, que não me aceitavam, mas foi melhor assim.

P: E você acha que alguma dessas coisa que eu perguntei no início: raça, gênero, religião... Alguma dessas coisas afeta sua vida aqui na praça?

R: Aqui em São Paulo não, que aqui em São Paulo é muito moderno, é uma coisa muito eclética. Tipo assim, não tem discriminação aqui. Não acho discriminação em São Paulo. Mas lá pros meus interior pra lá, pra Goiás... Lá tem muita discriminação, tem muito babado, então... Mas aqui não, aqui é suave. Rio de Janeiro é suave, Belo Horizonte é suave... Agora lá pros meu interior pra lá não é

bom não. É muito preconceito. Pessoas da roça. Sabe aquela pessoa bem da roça? Cabeça bem pequenininha? É isso.

P: Bom, acho que é isso Rebeca, muito obrigado por conversar com a gente. Você quer acrescentar mais alguma coisa?

R: Não, é isso. Obrigada eu.